

O TORCEDOR E O ESTÁDIO DE FUTEBOL



FREDERICO PANICO BASSO

Trabalho final de graduação,
orientado por Guilherme Wisnik,
apresentado à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo

A meus pais,
minha família,
meus amigos, todos.
Ao Futebol.

INTRODUÇÃO	6
PROJEÇÕES.....	10
FUTEBOL	20
LUGAR	30
TERRITÓRIO	46
ARQUIBANCADA	68
SAN LORENZO DE ALMAGRO.....	97
PROJETO.....	101
BIBLIOGRAFIA.....	112

INTRODUÇÃO

Eu sou palmeirense, sempre fui pelo que me lembro, mas por grande parte da minha vida não frequentei o estádio do Palmeiras. Poucas vezes fui ao Parque Antártica em dias de jogos, meu pai não era um grande frequentador e, como grande parte dos comportamentos em relação a futebol são passados hereditariamente, eu também não fui. Passamos a frequentar a casa palestrina quando já se chamava Allianz Parque e o time começava a acumular vitórias, obtivemos gosto pela experiência e nesses últimos anos procuramos acompanhar o time pessoalmente sempre que possível. Fomos ao estádio do Morumbi, à Vila Belmiro, ao Pacaembu, seja na torcida alviverde ou “infiltrados” na torcida adversária, o mais longe, até o momento, foi o Castelão, em Fortaleza. Posso dizer que desenvolvi um gosto maior por experiências in loco nos estádios de futebol frente a assistir de casa. O prazer de acompanhar um jogo pela televisão ou rádio, para mim, é condicionado aos lances que ocorrem no campo e ao resultado do jogo, uma vitória me deixa feliz, o empate é circunstancial e a derrota me tira o humor. O prazer de ir ao jogo é diferente, está no caminho de casa ao estádio, no crescente burburinho ao se aproximar do destino, no primeiro caminhante palestrino a caminho do Palestra Itália que se vê, na espera do lado fora, no sanduíche de pernil com coca-cola ou cerveja, na visão do gramado vazio que se revela aos poucos ao se adentrar a arquibancada, no fluxo constante de pessoas que enche a arquibancada, nos gritos antes, durante e após o jogo, nos incentivos e nas ofensas dirigidas aos jogadores, aos árbitros e à torcida adversária ou amiga. O resultado importa para definir meu humor quando o jogo termina, mas tenho minhas dúvidas se guardo mais memórias de jogos em que saí vencedor ou nos de resultados adversos. Penso que minhas memórias se prendem mais àqueles jogos em que sinto que mais participei do embate junto aos jogadores, e essa sensação só é possível presencialmente.

Mesmo sem entender o resultado da partida como aspecto fundamental para minha paixão recente por frequentar partidas de futebol entendo que a boa fase do meu time nos últimos anos desempenha um papel relevante no momento em que atrai grandes públicos aos jogos. Minha

experiência depende, integralmente, da torcida e, consequentemente, da ocupação da maior parte dos lugares disponíveis. John Bale fala sobre isso em seu livro *“Sport, Space and the City”* (1993), caracterizando a sensação durante uma partida de futebol como um *“estado mágico pelo qual os torcedores são dominados em um estádio cheio, identificando-se com sua equipe, seus amigos e sua causa. (...) É uma questão real de identidade e que só se repete quando presente em este determinado local com determinadas pessoas e atitudes conjuntas, representando algo maior”*. A emoção não se manifesta, portanto, pelo espaço em si, mas no uso do espaço pela massa de torcedores. Minhas experiências me confirmam essa tese, os jogos de maior emoção que presenciei foram aqueles em que houve maior mobilização de toda a torcida presente, especificamente um 0x1 contra o Cerro Porteño pela Libertadores de 2018, no Allianz Parque. Jogo teoricamente fácil, o Palmeiras poderia perder de até 1 gol de diferença para avançar de fase, mas uma expulsão nos primeiros minutos da partida complicou a situação e, com o time sendo pressionado em campo, a torcida se mobilizou para incentivar os jogadores. O comportamento dos torcedores pareceu, no entanto, também se auto incentivar, aumentando o volume e a festa com o passar da partida, foi assim um dos poucos jogos que presenciei todos ao me redor mobilizados em gritos e cânticos pela totalidade dos 90 minutos, inesquecível. E seria inesquecível mesmo se acontecesse o segundo gol do adversário, como aconteceu em um 1x2 contra o Grêmio, pela libertadores do ano seguinte, 2019, quando fomos eliminados da competição, jogo que guardo com muito carinho na memória pela mesma constante e gigante mobilização da torcida presente.

Não quero com isso insinuar que o comportamento e as emoções do torcedor são de fácil compreensão, muito menos o personagem do torcedor em si. Muitos personagens participam do jogo de futebol: jogadores, torcedores, ambulantes, jornalistas; de todos, a figura do torcedor é, de longe, a mais difícil de ser compreendida. Hollanda (2012) define o torcedor como *“Metáfora ou metonímias do homem comum brasileiro, síntese mais expressiva de suas qualidades e defeitos, o torcedor inquieta e intriga. Inquieta e intriga porque, de tudo o que vem por aí – as estimativas sobre organização, cálculo, planejamento, edificação –, o comportamento do*

torcedor é aquele menos mensurável, menos quantificável, menos previsível. De todos os atores do futebol, é o personagem ainda menos compreendido”. Frente à dificuldade de definição no que tange os comportamentos e vontades do torcedor, me limito aqui a comentar as experiências em estádios de futebol sob um ponto de vista meu e de dois amigos com quem costumo frequentar os jogos, meu pai e meu primo.

É interessante considerar o olhar deles pois possuem comportamentos diferentes no que diz respeito a torcer, o que os torna ótimos objetos de estudo. Meu pai gosta do conforto e da organização que o Allianz Parque proporciona, gosta de chegar com antecedência e se incomoda caso haja alguém ocupando nossos assentos, não costuma cantar muito durante a partida nem se levantar da cadeira. Meu primo, quando não vai ao jogo conosco, vai no meio da Mancha-Verde, torcida organizada palmeirense, conhece e canta todas as músicas e fica incomodado pela pequena quantidade de torcedores do nosso setor que o acompanha nos cânticos. São dois tipos diferentes de torcedor dos infinitos tipos existentes, mas tipos diferentes o suficiente que, se extrapolados um pouco, podem compor grande parte do todo de torcedores palmeirenses presentes nos jogos. Acredito que me pautar aqui pelos nossos três olhares distintos à experiência da partida de futebol produza um retrato fiel de algumas visões dos torcedores acerca do espaço do estádio.

Outra dualidade que pauta minhas experiências, e um dos motivos dessa reflexão, são os dois estádios em que o Palmeiras costuma mandar suas partidas, o Allianz Parque e o Pacaembu. O primeiro uma típica arena multiuso moderna, no modelo “all-seated”, dois telões de alta qualidade, camarotes ao redor de todo o perímetro, restaurante panorâmico, ampla oferta de lanchonetes, completamente coberta e, adição essa mais recente, grama sintética. O segundo um estádio histórico, com inúmeros jogos inesquecíveis e decisões no currículo, arquibancadas de concreto, grades para separar campo e arquibancada, somente um setor coberto e repleto de memórias. O Pacaembu que, inclusive, emula com muita precisão o antigo Parque Antártica, pelo formato e característica de suas arquibancadas de concreto em ferradura, e desperta, no palmeirense, nostalgia.

Além da transformação de estádios em arenas, processo presente no futebol desde a virada do século, me inquieta as ideias e projetos de grandes arquitetos quando esses se propõem a projetar um estádio de futebol. Por experiência, nunca gostei muito do estádio do Morumbi e, nos primórdios da minha intenção de cursar arquitetura, quando comecei a me interessar pelo campo e descobri que quem projetou a casa tricolor foi João Batista Vilanova Artigas, dos maiores arquitetos brasileiros, me surgiu a questão: será que Artigas frequentava estádios? Pode-se expandir essa questão para outros projetos de renomados arquitetos, o Serra Dourada, de Paulo Mendes, o Municipal de Braga, de Souto de Moura, por exemplo. Afinal, um estádio de futebol é um edifício com características muito peculiares, não somente em comparação a edifícios residenciais, comerciais ou institucionais, mas em comparação a estádios de outros esportes, principalmente.

A ideia, portanto, aqui, é encontrar as diferentes qualidades de estádios existentes, sob os olhares diversos dos torcedores e descobrir quais qualidades adicionam ou subtraem ao espetáculo do futebol.

PROJEÇÕES

27 de junho de 2015, dia de Brasil x Paraguai pelas quartas-de-final da Copa América, eu e mais três a caminho do ACD Cidade Dutra, campo onde jogaríamos em poucas horas. Impossibilitados de assistir ao jogo da seleção, acompanhávamos pelo rádio do carro mas, quando o placar em 1x1 se confirmou, fomos obrigados a parar para assistir às penalidades. O palco encontrado foi um boteco de esquina qualquer, os torcedores, além de nós quatro, eram o dono e mais quatro senhores espalhados, cada um com sua própria mesa e sua própria cerveja. O primeiro a bater pelo Brasil, Fernandinho, incitou o primeiro comentário de um dos boêmios: “esse é ruim, vai perder”. Não perdeu, o paraguaio também não. Na segunda cobrança brasileira, de Éverton Ribeiro, o mesmo comentário: “esse com certeza perde”, perdeu, “não falei? Eu tinha certeza”. E assim se repetiram versões diferentes do mesmo comentário nas últimas três cobranças brasileiras, perdemos mais uma e acabamos desclassificados, o vidente do bar passou então a se vangloriar pelas duas certeiras previsões que fizera, ignorando as três erradas.

É comum no futebol se projetar expectativas em fatos com base em histórias passadas, memórias ou pura superstição e, em cima dessas expectativas criar narrativas incoerentes com a veracidade dos acontecimentos. O boêmio vidente da minha breve história é só um pequeno exemplo das inverdades que se tornam verdade no contexto do futebol, ele tinha certeza que sabia o que ia acontecer, apesar do maior número de erros que acertos. Luiz Henrique de Toledo (2016) explora esse conceito comparando as reações do público e da imprensa brasileira às nossas derrotas nas copas de 1998 e 2014. O autor fez um pequeno exercício que consistiu em pesquisar no Google as frases “vendemos a copa de 1998” e “vendemos a copa de 2014”, para a primeira foram apresentadas inúmeras teorias sobre como o Brasil entregou o jogo final da competição, para a segunda o termo vender foi apresentado em seu significado padrão e os resultados foram relacionados às compras possíveis no período da copa, pacotes de viagem, ingressos, figurinhas. A enorme diferença no placar em 2014 não nos permitiu enxergar nada além da vexatória derrota, já o mínimo

de equilíbrio visto na final de 98 abriu precedente para inúmeras teorias da conspiração que explicavam a derrota brasileira por motivos além-futebol, afinal, nós éramos os melhores do mundo, como poderíamos perder? Obviamente tais teorias possuíam pouca base formal mas tomavam sentido mesmo assim no contexto futebolístico. Segundo Toledo, seu valor não residia na contraposição entre veracidade e falsidade, mas nas próprias imposturas. As relações, emoções e diversões existentes no futebol se beneficiam da impostura e da falação da mesma maneira que se beneficiam de aspectos mais formais do jogo, como campanhas, placares e aspectos técnicos e táticos. Nas palavras de Toledo: “Importa pouco se a totalidade dos acontecimentos apurados, por exemplo, sobre o que de fato ocorreu com Ronaldo (...) satisfaz a opinião pública, e muito mais refletir sobre como na economia simbólica das emoções esportivas tal fato fora ajustado e acolhido no multiverso futebolista a produzir mais uma narrativa sobre a competência esportiva do Brasil” (2016, p. 38)

Toledo utiliza o termo economia simbólica das emoções para sugerir que os objetos do “multiverso futebolístico” fazem uso de uma espécie de capital simbólico para moldar a opinião de um certo público acerca de si. No caso, a seleção brasileira fez uso do seu histórico vitorioso para ludibriar a opinião pública a pensar que era muito superior ao time francês técnica e taticamente. A utilização desse capital emocional não é restrita a times e sua acumulação não possui uma forma única e objetiva, muito menos racional. O objeto de estudo desse trabalho, o estádio de futebol, faz muito uso desse capital simbólico.

É muito comum escutar que certos estádios de futebol possuem uma aura própria, algo intangível que eleve o espaço a um patamar místico no imaginário futebolístico. Essa aura é, em termos técnicos, uma acumulação maior do capital simbólico supracitado ao de seus pares. Tal acumulação é um processo histórico, que se constrói por meio de eventos, programados ou aleatórios, que ocorrem no espaço.

Esses eventos podem ser pré-determinados, como grandes jogos: a final da copa de 1950, por exemplo, ajuda a construir a reputação do Maracanã. Desde então, outras inúmeras partidas somaram ao currículo do estádio, entre elas, três finais de Copa Libertadores, uma final da Copa

América, uma final de um Mundial Interclubes e uma segunda final de Copa do Mundo. Grandes partidas carregam consigo, também, grandes jogadores - no gramado do Maracanã já pisaram Pelé, Garrincha, Zizinho, Didi, Nilton Santos, Tostão, Rivelino, Sócrates, Zico, Romário, Beckenbauer, Bobby Moore, Platini, Obdulio Varela, Di Stefano, Maradona, Puskas, Messi. Formaliza-se, assim, uma relação de troca, ao mesmo tempo que os jogadores e as partidas adicionam à reputação do estádio, grandes partidas serão quase sempre realizadas lá e, jogar lá é um fato relevante na carreira de qualquer jogador, “Scala de Milão” tem reputação porque Maria Callas cantou lá, e, Maria Callas tem reputação porque cantou no Scala. O mecanismo é igual no caso do Maracanã.” (CURI, 2012, p.79).

A construção da reputação de um estádio por meio de partidas e jogadores memoráveis é simples de se identificar e de se planejar. A maioria dos estádios construídos ou reformados para finais de copas do mundo goza de grandes reputações, pois além de serem grandes projetos arquitetônicos de dimensões colossais, já nascem destinados a abrigar partidas memoráveis, como o já citado Maracanã, o Azteca (México), o Centenário (Uruguai), o Nacional (Chile), o Stade de France (França), o Olímpico de Roma (Itália). Desse modo, é relativamente simples para estádios em capitais, dos grandes clubes de seus países construírem uma reputação pelas grandes partidas. Estádios menores dependem de grandes momentos do seu time para alcançarem grandes jogos, como é o caso da Vila Belmiro, que deve boa parte do status aos anos áureos santistas, de Pelé e companhia.

Essa reputação pode também ser destruída. A reforma do Palestra Itália, por exemplo, me instigou (e aqui falo como torcedor palmeirense) um sentimento de retorno à estaca zero no sentido da história que o estádio possuía, não era mais onde Marcos havia defendido o pênalti de Marcelinho, onde o Palmeiras ganhara seu único título da Libertadores, ou onde Ademir da Guia mostrara ser um dos maiores de todos os tempos. A história do estádio teria de ser reescrita e toda a aura do antigo Parque Antártica reconquistada. É claro que a regressão desse sentimento passou pela decisão de não conservar quase nenhum aspecto espacial do antigo estádio no momento da reforma, prezou-se por ideais de arena multiúso frente à conservação da



Fosso do antigo Palestra Itália, hoje coberto, foto: Thiago Durante

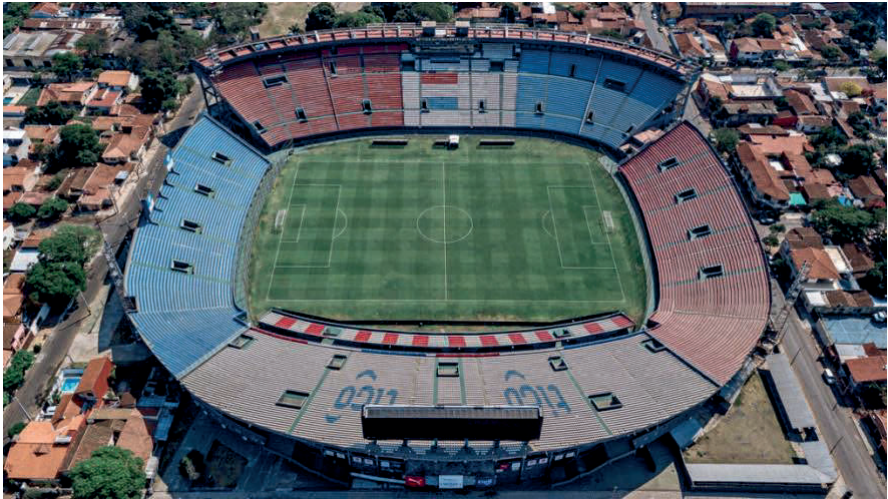


Demolição das arquibancadas do antigo Palestra Itália, foto: Moacyr Lopes Junior

história contida nas arquibancadas. Ainda serão discutidas as diferenças entre estádios e arenas multiúso e também os processos de reforma, com foco nas reformas que aconteceram nos estádios brasileiros.

Existem outras maneiras com as quais se desenvolve a reputação acerca de um estádio, maneiras imprevisíveis que dependem de eventos não programados ou de movimentações das massas de torcedores. O comportamento da torcida nas arquibancadas, quando repetido suficientemente é incorporado no imaginário futebolístico, como característica do próprio estádio. Os famosos caldeirões, por exemplo, da América Latina são comumente temidos pelos seus visitantes por sua atmosfera agressiva, o que não é característica do espaço em si, mas de seus torcedores. Tomemos o estádio paraguaio Defensores del Chaco para análise: uma breve pesquisa no Google revela, de imediato, duas reportagens sobre seu clima hostil. Um dos textos, do GloboEsporte.com, começa com “Ouso dizer que não sou o único que, na tenra infância, tremia como uma taquara ao vento quando ficava sabendo que meu time precisaria viajar ao Paraguai para adentrar no CÉSPED do estádio Defensores del Chaco. Mesmo ignorando o significado, sempre foi um nome capaz de causar calafrios até nas almas mais fleumáticas. Tanto pela sonoridade pomposa quanto pela mensagem que transmitia, evidentemente intimidante.”. É curioso como o autor admite não saber ao certo a causa do temor causado pelo nome da cancha, exemplificando mais uma vez como as projeções acerca de um fato ou no caso de um espaço do universo do futebol não necessariamente precisam de bases concretas para serem tomadas como verdade. A segunda reportagem, do Goal.com.br atesta que “O local possui um histórico de problemas em jogos de equipes brasileiras, com um clima bastante hostil” e passa a citar alguns desses problemas, pedras arremessadas no gramado e agressões aos jogadores. No texto o histórico de problemas é atribuído ao espaço e não às torcidas que cometeram os atos violentos.

As atitudes que caracterizaram o Defensores del Chaco foram hostis, mas isso não significa que a dinâmica de apropriação da característica dos torcedores pelo estádio esteja restrita a atos violentos, na



Defensores del chaco, foto: radionacional.gov.py

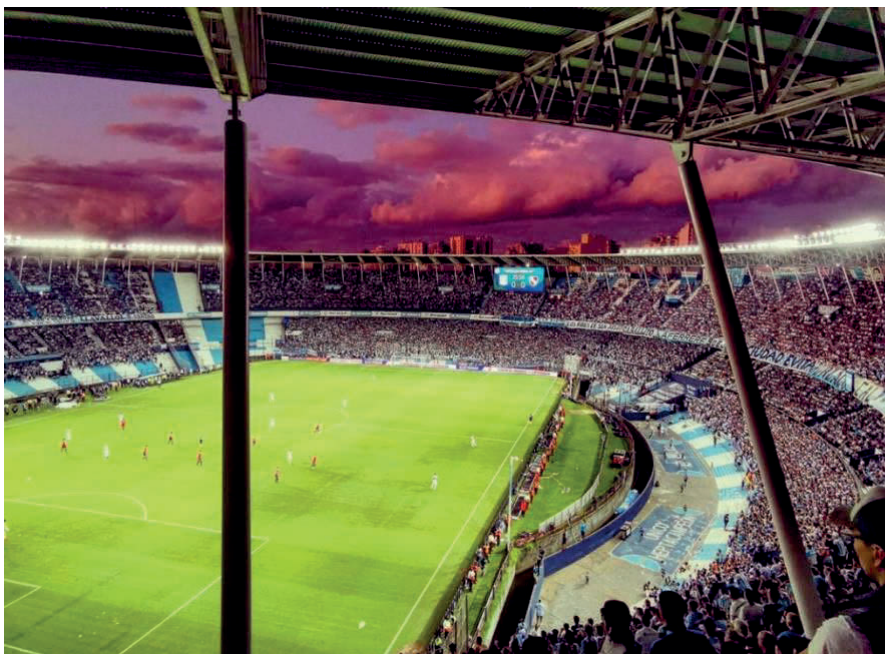


Defensores del Chaco e sua atmosfera hostil, foto: moopio.com

maioria dos casos é o comportamento vibrante dos torcedores que termina como característica do espaço. Posso citar como exemplos de estádios tidos como vibrantes: La Bombonera e El Cilindro em Buenos Aires, Anfield, em Liverpool, Signal Iduna Park, em Dortmund, além do próprio Defensores del Chaco, de Assunção. O contrário também ocorre, estádios ficam marcados por serem “mortos” ou calmos demais de acordo com a apatia de sua torcida.

Atitudes individuais e outros casos pontuais podem também adicionar ao sentimento coletivo sobre um estádio de futebol. Os exemplos nesse caso são inúmeros e tão variados que seria impossível categorizá-los aqui. Podemos passar por acontecimentos históricos, como as prisões no Estádio Nacional do Chile durante o regime de Pinochet; por movimentações patenteadas de torcidas organizadas, como a avalanche gremista; por paisagens exóticas, como o Estádio Olímpico de Montevidéu, com vista para a baía, ou o Estádio Municipal de Braga, à beira de uma pedreira; e até por acontecimentos completamente aleatórios que tornam-se folclóricos, como as comemorações nos orelhões do Maracanã e Pacaembu, e até o próprio fato de haver um orelhão à beira do gramado.

Não pretendo com esse texto isentar de responsabilidade o projeto de arquitetura sobre a qualidade das arenas de futebol, o intuito é justamente levantar e compreender primeiro os pontos que as caracterizam para então tentar entender como o espaço interfere nesses pontos e colocar em comparação os diferentes estádios ao redor do mundo, dando especial atenção à dualidade estádio x arena. Como citado anteriormente, em âmbito pessoal, a reforma do antigo Parque Antártica para a condição de arena fez com que a simbologia contida no espaço e toda a história acumulada quase que desaparecessem, a questão que surge é: existia algum modo de conduzir a reforma para evitar isso? Outros questionamentos surgem também, como incentivar com o espaço práticas torcedoras que funcionem como catalisador para a criação de memórias? Existem espaços que inspirem relações afetivas em todos os tipos de torcedores?



El Cilindro, foto: Joris van de Wier



Signal Iduna Park, foto: Passione e Fede



La Bombonera, foto: Facu Chechi



Estádio Olímpico de Montevideo, à beira da baía, foto: Eduardo Souza Cunha



Estádio Municipal de Braga, foto: Minne Groenstege



Orelhão no Maracanã, foto: Juha Tamminen

FUTEBOL

O objetivo dessa pesquisa é destrinchar as características e qualidades que tornam os estádios de futebol ao redor do mundo o que são. É necessário que fique claro que tratarei especificamente de estádios de futebol, com menções a praças de outros esportes somente a título de comparação. Excluir as demais modalidades não é, no entanto, uma maneira de simplificar a tarefa, é simplesmente o reconhecimento de que as arquibancadas que assistem ao futebol possuem características exclusivas, reflexo da própria singularidade do futebol em si. Compreender as peculiaridades do futebol é essencial para, então, passar ao espaço que envolve a prática.

É possível começar essa busca pela singularidade do futebol frente a todas outras práticas esportivas (ou quase todas) no fato de ser o único esporte em que a grande potência esportiva mundial não domina. Os Estados Unidos da América estavam no topo do quadro de medalhas em 5 das últimas 6 Olimpíadas, acumulando duas vezes e meia mais medalhas na história que o segundo lugar da lista, a antiga União Soviética. Ainda assim, o país nunca foi capaz de produzir uma seleção de futebol (masculino) capaz de fazer frente consistentemente a seleções mais tradicionais no cenário mundial, como México, Portugal ou Colômbia, que dirá às grandes seleções campeãs mundiais.

A verdade é que o norte-americano não gosta de futebol. Os esportes dominados por norte-americanos todos têm neles um grande senso de justiça e meritocracia, uma longa jornada que, pouco a pouco, desenha um placar que, na grande maioria das vezes, aponta com clareza o melhor dos dois adversários. Cada momento, posse de bola ou ponto transforma-se em ponto, ou num avanço territorial que traz o ponto para mais perto, todo tempo dentro da partida é tempo útil. Assim, ao repetir-se exaustivamente cada pequena fração do tempo total do jogo, e ao dar significado contábil a essas frações, minimiza-se o valor de momentos de sorte, erros incomuns, desvios irregulares na longa sequência de pontos que configuram o placar final, onde, vale ressaltar, não existe a possibilidade de empate, estende-se o jogo até que alguém se prove melhor. Como se não bastasse, ao chegar

aos mata-matas, alguns embates são decididos em melhores de sete, quase que expurgando qualquer possibilidade de zebra.

Em contraste a tudo isso está o futebol, onde os 90 minutos podem ser resumidos a dois lances e também onde o replay de todos os “melhores momentos” em sequência pode ser inútil para representar o que de fato se passou nos 90 minutos. A grande maioria das jogadas no futebol é completamente inútil. Se encararmos de maneira pragmática, o que define a partida são os pouquíssimos momentos de gol; se diminuirmos um pouco nosso pragmatismo podemos incluir grandes defesas dos goleiros, desarmes certos quando o gol era iminente, expulsões e substituições. Ainda assim, tais momentos não devem ser responsáveis por pouco mais de 10 dos 90 minutos em questão. E é exatamente isso que torna o *soccer* apaixonante para o mundo além dos EUA. O tempo no futebol não se assimila ao tempo de trabalho, produtivo, mas sim ao tempo da vida, improdutivo, à espera de momentos de euforia, o gol, que às vezes construímos de maneira pragmática, prosaica, como uma sequência de passes combinada e treinada que revela o centro-avante livre na pequena área; às vezes de maneira artística, poética, como a sequência de dribles que desmonta uma defesa posicionada; e às vezes são puramente obras do acaso, como o sempre presente, traiçoeiro, morrinho artilheiro.

Os vai-e-vens, as idas e vindas constantes sem resultado, o passe de lado que enfurece o torcedor ansioso, os intermináveis segundos quando a bola está nas mãos do goleiro, a cera, todos esses momentos que não representam nada para o resultado final e formal do jogo tornam o futebol campo fértil para a criação de um segundo placar, completamente inútil e ao mesmo tempo muito valioso, um placar moral que não define quem avança de fase mas define quem, ou o que, fica marcado na história. O drible desconcertante e inútil, a virada de jogo que cruza toda a dimensão transversal do campo, somente para ser sucedida por um passe para trás, a matada magistral de bola no meio campo, todos eventos que, em sua grande maioria, não influenciam em nada o placar, mas sobram na memória do torcedor e, desde o surgimento do *replay*, podem ser imortalizados também em gravações memoráveis. Você se lembra dos quatro gols da semifinal da

copa de 70, entre Brasil e Uruguai? Você se lembra do drible de Pelé para cima do goleiro uruguaio Ladislao Mazurkiewicz, sem tocar a bola.

Admitindo de forma muito mais ampla a dualidade dos tempos produtivos e improdutivos do que outros esportes, o futebol torna possível a interferência cirúrgica e, por vezes, decisiva do acaso. A clássica máxima, frequentemente contestada, de que a decisão por pênaltis é sempre loteria coloca em evidência o papel que a sorte tem em determinar momentos dos mais importantes da história do esporte - ora, duas finais de Copa do Mundo foram decididas a partir da marca da cal. O acaso é, assim, institucionalizado dentro do esporte, constituindo-se parte significativa dele. O erro de arbitragem (hoje minimizado pela atuação do árbitro de vídeo), o lance de sorte, o morrinho artilheiro, as cobranças de pênalti são todos eventos recorrentes na eterna repetição do jogo. O acaso, por vezes, ainda é evocado conscientemente pelos times seja pela prática “feia” de chuveirar a bola na área de qualquer lugar do campo, no desespero dos minutos finais de uma derrota, contando com a sorte no bate-e-rebate na área, ou na linda técnica de chute da bola morta, imortalizada por Juninho Pernambucano, que confere à bola giro zero em sua trajetória, deixando-a assim se deslocar a seu bel-prazer.

De maneira análoga, o contraste entre o futebol e os esportes norte-americanos está presente também em suas respectivas praças. A experiência de um espectador em um jogo de futebol americano consiste em ter seu tempo ocupado quase que por completo. As arenas estadunidenses são munidas de aparatos e meios a impossibilitar que o espectador se depare com qualquer momento de tédio, telas digitais gigantes apresentam inúmeras sequências de vídeos envolvendo a platéia, dentro do campo sequências de grupos malabaristas e dançarinos se apresentam a cada tempo requisitado pelas equipes; produtos são atirados aos espectadores por animadores de dentro do campo, ou chovem da cobertura com pequenos paraquedas, tudo em nome do entretenimento contínuo, minimizando ao máximo o tempo improdutivo.

O estádio de futebol, por outro lado, permite e quase que impõe ao torcedor um vasto tempo improdutivo. O estádio de futebol primordial, anterior às arenas multiúso que hoje se tornaram padrão, tem telões que



Telão massivo na Arena Mercedes-Benz, Atlanta, foto: americanspecialties.com



Apresentação no intervalo de uma partida na NBA, foto: ridiculoushalftimeshow.com

apresentam pouco mais que o placar do jogo, lanchonetes com pouca variedade de produtos e arquibancadas sem assentos confortáveis. Não acontecem apresentações nos longuíssimos 15 minutos de intervalo e não existem prêmios a serem sorteados no decorrer da partida. Assim como no próprio jogo, a experiência se resume a grandes períodos de tempo improdutivo a espera dos breves momentos eufóricos.

Assim, por mais que estejamos tratando de lazer, podemos enxergar na arena multiúso norteamericana um ambiente semelhante ao ambiente de trabalho, produtivo por essência. Em oposição ao ambiente de trabalho está a casa, o ambiente de lazer, representado aqui pelo estádio de futebol.

Faz sentido, portanto, o ato do torcedor de chamar o estádio do seu time de casa. Apesar do fato também acontecer em terras norte-americanas, é nos países do futebol que a expressão é realmente significativa. De fato, os comportamentos do torcedor de futebol possuem semelhanças com comportamentos comuns no interior de lares: as faixas e bandeiras espalhadas pelo recinto são a decoração singular que cada morador projeta em sua casa, os rituais de cada torcedor ao chegar no local são os rituais de chegada em casa, (deixar a chave e a carteira ao lado da porta, saudar o cachorro e ligar o fogão), os cânticos, performances, pulos, comemorações, gritos, ofensas são tudo aquilo que se faz somente no ambiente do lar, pois não é permitido socialmente do lado de fora.

Tal analogia só é possível pela liberdade espacial e temporal que se encontra nas arquibancadas do estádio de futebol, que por sua vez são características herdadas diretamente da essência do próprio jogo. Entretanto, a essência do jogo está em constante transformação desde sua criação e, assim, tanto o campo de jogo como o espaço que o abriga também se transformam. Os contínuos esforços por tornar o esporte mais “justo”, menos suscetível a erros de origem humana ou casualidades geradas por inconformidades do campo minam pouco a pouco a imprevisibilidade e variedade de eventos que torna o esporte o que é e, conseqüentemente, atitudes também são tomadas para destituir das arquibancadas o mesmo senso de liberdade, imprevisibilidade e variedade.

Se dentro dos gramados observamos implementações de gramas sintéticas, árbitro de vídeo, tecnologias que verificam se a bola cruzou ou

não a linha de gol, fora dele vemos estádios cada vez mais segmentados, com código de conduta estritos e exaustivamente controlados, espaços rígidos e com função bem determinada, de consumir o jogo e nada mais.

Obviamente todas as mudanças se dão sobre pretextos válidos à primeira vista. Todo torcedor que já viu seu time ser injustiçado por um erro de arbitragem tem, no fundo de sua alma ao menos, vontade de que o VAR já estivesse em efeito na época. A tecnologia parecia ser unanimidade antes de sua implementação e seu fracasso retumbante em quase todos os torneios até o momento, que incluem a copa do mundo de 2018. Gramados sintéticos, por sua vez, são soluções para a falta de padrão e eventuais péssimas condições de jogo dos gramados atuais, além de manter sua integridade quando shows são realizados no recinto, soluções que ignoram que o contato com o solo gramado, sob céu descoberto, com seus acidentes e intempéries fazem parte da essência do futebol, bem sabe qualquer um que já assistiu à Libertadores.

As mudanças no espaço do estádio são justificadas em parte sob pretexto de segurança, ainda que contenham em sua motivação princípios muito mais mercadológicos e elitistas do que somente preocupação com a segurança dos torcedores. É fato que o modelo de estádio sustentado até o a década de 80 é impraticável atualmente, o histórico de tragédias acumuladas por superlotação deixa claro que as regras que vigoravam até então precisavam de revisão. O relatório Taylor, resposta à tragédia de Hillsborough, na Inglaterra, em 1989, foi uma primeira e sumária atitude nessa frente, incentivando a diminuição de espaços para se ficar em pé nas arquibancadas e uma menor taxa de ocupação nos estádios. Atualmente, temos a regulamentação da própria FIFA, que categoriza estádios por qualidade, os famosos estádios padrão-FIFA, no entanto, o que se entende por qualidade nessa regulamentação são justamente características que visam disciplinar o torcedor, em nome da maior segurança do mesmo. Gilmar Mascarenhas (2015) resume bem o resultado dessas mudanças, e também a reação do torcedor frente a elas: *“o velho estádio, por sua própria arquitetura simplificada, permitia liberdade muito maior de apropriação, bem como a movimentação dos coletivos de torcedores, que ali produziram uma corpografia peculiar. O atual modelo é nitidamente cerceador,*

tendendo, segundo Bale (1998), a assemelhar-se aos espaços carcerários, contra o qual, conforme argumentamos aqui, alguns torcedores promovem táticas de subversão. Lugar do vivido, preenchido por paixões e locuções, o estádio não se cala” (MASCARENHAS, 2015, p. 11).

Soma-se a essa movimentação em prol da segurança a crescente mercantilização do futebol e sua consequente elitização. O fim de espaços categorizados como “inseguros”, notavelmente representados pelas gerais, não somente extinguiu os espaços frequentados pelas alas mais pobres da população, como de fato as extinguiu do estádio como um todo. Às normas de segurança seguiram-se medidas para tornar o espaço mais confortável, consumível e, portanto, mais caro: cadeiras em todos os setores, lojas e lanchonetes variadas, cobertura de internet, telas inúmeras, propagandas, sorteios, enfim, objetos que aproximam o estádio de futebol do modelo de arena multiúso norte-americano.

Ressalto aqui que, por si só, essas alterações não são nocivas ao espaço democrático do estádio, abarcar o torcedor que busca “segurança” e conforto para assistir in loco o que se passa na TV e sentir de perto a atmosfera proporcionada pelo jogo é completamente cabível. O que se critica aqui é a supressão do espaço de liberdade que o outro tipo de torcedor, mais vocal e festeiro, porém menos lucrativo, no que poderia ser um espaço verdadeiramente multiúso, que admitisse diferentes formas de expressão, comportamentos e usos. Novamente nas palavras de Mascarenhas: *“ao contrário do que é entusiasticamente divulgado pelos agentes hegemônicos, interdições diversas padronizam as formas de torcer e acenam para o torcedor a clara redução da natureza efetivamente “multifuncional” do estádio tradicional, que era o verdadeiro portador da diversidade de usos: não apenas assistir a espetáculos, mas ser protagonista, e inventar formas de expressão coletiva, de cantar, dançar, comer e beber” (MASCARENHAS, 2015)*

O resultado dessas transformação é a instituição forçada de uma maneira correta e padrão de como torcer. O torcedor, figura mais diversa do espetáculo futebolístico, hoje, busca inventivamente jeitos de burlar essas regras impostas pelo espaço, em um ato de resistência frente aos obstáculos construídos, metafórica e fisicamente. Fica clara a preferência pelo espaço

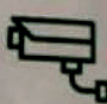


Placas no Allianz parque, em frente à torcida organizada Mancha Verde: “Palmeirense, não prejudique o Palmeiras. Identifique o infrator” e “Não acenda sinalizadores”, foto: Mariana Carolina Mandelli

Palmeiras 1 x 0 Corinthians – 39.935	41 jogos
12/06/2016	11 vitórias
	11 empates
	12 derrotas
Palmeiras 1 x 0 Botafogo-RJ – 39.690	116 gols marcados
20/11/2016	53 gols sofridos


NOSSO TIME MAIS FORTE

- Cuide bem da sua casa, jogue lixo no lixo;
- Palmeirense veste a camisa do time dentro e fora da Arena, não compre produtos piratas;
- Sorria, você está sendo sempre filmado nas dependências da Arena;
- Não compre ingressos de cambista, não prejudique nosso time;
- Perpetue a imagem de um torcedor exemplar.



ENTRE EM CAMPO COM O VERDÃO!

Somos o 1º clube de futebol do mundo a ter óculos de realidade virtual.



Encarte produzido e distribuído pelo Palmeiras em jogos entre 2016 e 2017, foto: Mariana Carolina Mandelli

mais livre no depoimento de Gilberto (nome fictício), em entrevista para Mariana Carolina Mandelli (2018): *“Eu gosto do Pacaembu porque eu fico mais à vontade. É das antigas, né? Igual ao Parque Antarctica. Não tinha cadeira, era bem melhor. Meu negócio é arquibancada mesmo, normal. Cimento. Dá para pular, dá para se divertir, tipo assim: pula para um lado, pula para o outro. Lá não, por causa das cadeiras, eu acho chato. Sou palmeirense, mas eu gosto mesmo é do Pacaembu.”*

Outro efeito decorrente dessas transformações é a transição do protagonismo do usuário do espaço, o torcedor, para o espaço em si. Além dos jogadores, protagonistas em qualquer esporte, no futebol, a torcida e sua festa desempenham também um papel essencial no espetáculo. Ao controlar a massa de torcedores e bombardeá-la constantemente com estímulos que não dizem respeito à partida, o foco de atenção deixa de ser a festa, cerceada, e se torna a arena, os telões, a música ou qualquer que seja o estímulo em questão. A ideia, nos jogos norte-americanos é que, independente da qualidade do jogo, a experiência de ir ao estádio/arena seja proveitosa. O que se vende estaria “muito além” de apenas uma partida de futebol americano ou basquete, e sim a experiência como um todo, experiência essa um completo espetáculo midiático consumista que tem seu ápice no *SuperBowl*. Na arena multiúso você não canta porque a massa torcedora te inflama, você canta porque um voz do sistema de som te mandou cantar naquele momento, e nos telões está a letra para você nem precisar memorizá-la, você também não torce apenas porque seu time precisa da vitória, você torce porque se o time ganhar o sanduíche do seu *fast-food* preferido terá desconto no dia seguinte, você também não chega mais cedo para confraternizar com outros torcedores e sentir o clima da partida, mas para não perder nenhuma promoção ou entrega de brindes que possa acontecer minutos antes do início do jogo.

A experiência em uma arena multiúso é, portanto, uma experiência individual, enquanto em um estádio é coletiva. Na primeira, o recinto estar lotado ou vazio é quase que irrelevante para os presentes, no segundo, talvez seja algo mais importante que o jogo.



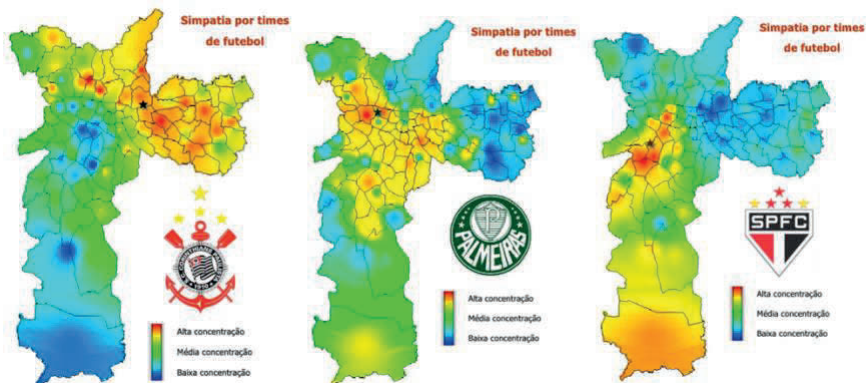
Telão do Allianz Parque transmite a letra da música a ser cantada, de maneira semelhante às arenas norteamericanas. Aqui entretanto, ainda é a torcida que decide qual canto será entoado, foto: Mariana Carolina Mandelli

LUGAR

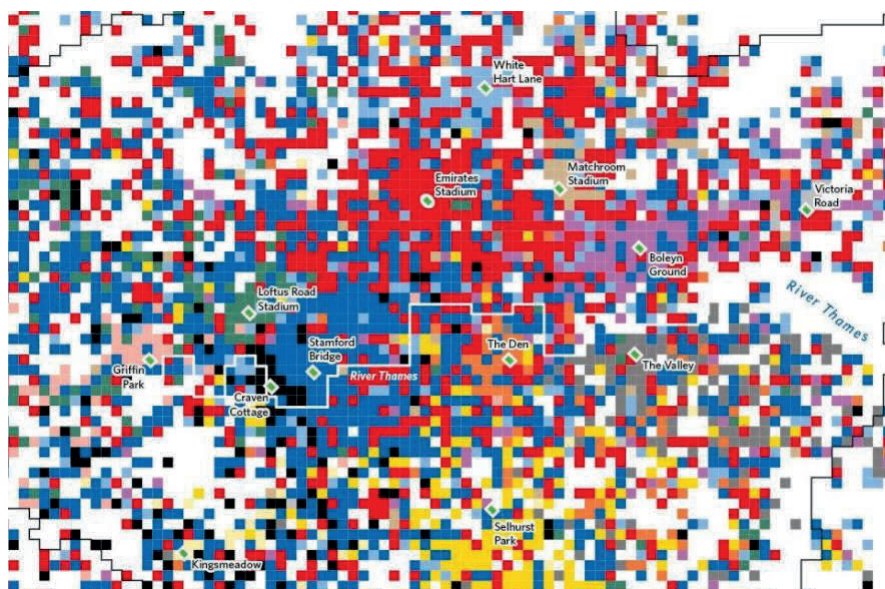
Em São Paulo, as estações de metrô mais próximas dos estádios de cada time recebem, como prefixo, o nome do respectivo time, Corinthians-Itaquera, Palmeiras-Barra Funda, São-Paulo-Morumbi, Portuguesa-Tietê, Juventus-Mooça e, em um belo exercício de extrapolação, Santos-Imigrantes. Um turista inglês que se encontre na cidade pode pensar que encontrará em cada um desses bairros ambientes clubistas, com uma alta concentração de casas e estabelecimentos de torcedores nos arredores do estádio do seu clube de coração. Nós, paulistanos, sabemos que não é bem assim, apesar de a concentração de torcedores crescer com a proximidade do estádio, como demonstram os mapas do Atlas Mercadológico da Cidade de São Paulo¹, o bairro do Morumbi não é famoso por ser um território de são paulinos, muito menos Itaquera por ser corintiano. O bairro da Barra Funda tem seus quês palmeirenses, principalmente nas imediações ao sul do Allianz Parque, pelas ruas Palestra Itália e Caraíbas, mas o único bairro que realmente faz jus ao nome de estação é a Mooça, do Juventus da Mooça.

Em Londres, cidade do nosso turista em questão, a identificação entre bairro e estádio é mais presente. No mapa apresentado a seguir, desenvolvido por Guy Lanslay e Muhammad Adnan, que relacionou tweets com área durante toda a temporada inglesa de 2013-14, fica claro como, apesar do amplo domínio de Arsenal e Chelsea, as regiões imediatas aos estádios concentram seus torcedores, principalmente se focarmos nos times menores. Os clubes de menor expressão da Inglaterra não costumam vencer muito, acumulam poucos títulos e, os poucos que já vivenciaram as glórias de grande conquistas o fizeram no passado, ainda assim, lotam seus estádios durante toda a temporada. Gursimran Hans, um “hammer”, torcedor do West Ham United, começa um texto em seu blog na plataforma online Medium com “Como torcedor do West Ham, você espera fracasso. Sucesso é um bônus, de verdade. Torcer para o clube não é sobre ganhar, nunca foi.” O que mantém as torcidas por esses clubes é a tradição, e muito dessa tradição está presente nos arredores dos estádios.

¹ https://pt.slideshare.net/Marcello_Guerra/atlas-mercadologico-sp



Concentração de torcidas em São Paulo, fonte: Atlas mercadológico da cidade de São Paulo



Concentração de torcedores e estádios em Londres, fonte: Guy Lanslay e Muhammad Adnan

Talvez pelo tamanho dos grandes clubes paulistas, a realidade aqui seja diferente. Nenhum dos três precisa se ancorar ao bairro para manter seus torcedores, que não estão somente espalhados pela gigante São Paulo, mas também por todo o território nacional. O mesmo é verdade para os dois gigantes londrinos, Arsenal e Chelsea, aos quais podemos estender o alcance para outros países.

Essa dualidade entre o time grande, que atrai e mantém sua base torcedora pelos resultados, títulos e grandes jogadores e o time pequeno, que necessita da sua identidade para se manter é recorrente em todo o mundo e, em um contexto mundial em que se vê frequentemente mudanças dos times para novos estádios visando progresso, é crucial entender o papel território na identidade do time.

Continuando em Londres, por ora, o caso do West Ham United e sua mudança de Upton Park (também conhecido como Boleyn Ground), que foi sua casa por 112 anos, para o estádio Olímpico de Londres, é um ótimo exemplo do conflito entre progresso e tradição.

A mudança, que foi chamada de “acordo do século”², foi selada em 2012, mas só aconteceu de fato em 2016, após uma longa reforma para deixar o estádio apto para receber jogos de futebol. O clube foi responsável por somente 15 milhões das 752 milhões de libras que custou a construção, e pagará também 2,5 milhões por temporada de aluguel, com ajustes dependendo do desempenho do time, inegavelmente um acordo muito favorável ao clube em termos financeiros. A ideia dos donos do West Ham era que, em 5 anos a partir do início do uso de seu novo estádio, o clube já estivesse em outro patamar, comparável aos grandes times europeus, impulsionado pelo aumento de renda com seu novo estádio.

Não foi o que aconteceu. Até 2018, a porcentagem de vitórias do clube na nova casa era de apenas 36% e, na temporada 19-20, os hammers lutaram na parte inferior da tabela, ainda que, hoje, o clube desfrute de um bom momento. Ainda é cedo para avaliar o impacto da mudança e, financeiramente, é provável que haja, de fato, melhora no futuro, afinal, a

² <https://www.theguardian.com/sport/blog/2016/nov/02/west-ham-olympic-stadium-deal-explained-london-mayor-sadiq-khan>

capacidade por jogo aumentou de 35.000 para 60.000 espectadores, a ocupação continua beirando o 100% e os preços aumentaram.

Mas, mesmo com a indicação de um futuro melhor futebolisticamente, a torcida do West Ham não está de todo feliz com o novo estádio. Agora, em vez de estarem ao lado do gramado, os torcedores ficam mais longe do campo, as arquibancadas, extensas, são menos inclinadas, “sente-se muito perto e terá problemas para avistar o lado oposto, sente-se muito longe e se sentirá em outro código postal”, resume Jacob Steinberg, em um artigo para o The Guardian³.

Essas alterações impossibilitam que se crie o ambiente claustrofóbico e intimidador que antes se via em Boylen Ground, Pep Guardiola, treinador do Manchester City, deixou isso claro após uma vitória por 5 a 0 de seu time em janeiro de 2017 em cima dos hammers: “o campo, o estádio, nos ajudou, ele parece maior, é uma impressão”.

Upton Park era indigesto para seus visitantes, os torcedores ficavam em cima dos adversários, perto do gramado, tanto nas primeiras como nas últimas fileiras. A atmosfera elétrica e contagiante era marca registrada do lugar. Boleyn Ground era um autêntico estádio de futebol, London Stadium é um estádio olímpico adaptado para futebol, a diferença é clara.

O que mais incomoda o saudoso torcedor, no entanto, é o bairro que o time abandonou. O dia de jogo em East End envolvia mais do que os 90 minutos, define Tom Girling, torcedor de 52 anos, em entrevista ao The Guardian⁴. “Eu costumava ir a Upton Park, pegar um livreto, beliscar uma torta com batatas, fazer uma aposta, entrar em um bar, encontrar meus amigos, dar uma risada e então ir ao jogo. Aqui não tenho nada, estou em um lugar vazio bebendo cerveja em um copo de plástico.” Reynolds, outro torcedor, de 56 anos, completa, “você vai a Upton Park e tem bares logo ao lado do campo. Eram só pessoas locais e o mercado, você tinha a comunidade asiática, tinha o Nathan’s, a loja de tortas e enguias que fazia filas que dobravam a esquina. Era tudo parte da experiência do dia de jogo”.

³ <https://www.theguardian.com/football/blog/2017/may/04/west-ham-first-season-london-stadium-slaven-bilic>

⁴ <https://www.theguardian.com/football/2018/apr/29/why-west-ham-fans-are-in-revolt>

Trata-se de um cenário semelhante à diferença que existe entre o Allianz Parque e a Arena NeoQuímica, em São Paulo. Quando vou ao estádio da Pompéia, costumo chegar mais cedo e perder meu tempo em algum estabelecimento, devidamente palmeirense, na Rua Palestra Itália. Imagino que o torcedor corinthiano tenha o mesmo costume, mas não existe ambiente urbano próximo ao estádio que sediou a abertura da Copa do Mundo. A construção está plantada no meio de um gigante pátio rodeado de estacionamentos, avenidas e viadutos, e apesar do torcedor encontrar alternativas em barracas e vendedores ambulantes, não existe uma comunidade clubista como existe nos arredores da casa rival.

Ainda com o abandono da comunidade de East End, existem aqueles que veem com bons olhos a mudança do West Ham, ou pelo menos que a enxergam como inevitável em um cenário progressivamente mercantilista no futebol. Torcedores novos e mais jovens não nutrem a mesma nostalgia dos mais velhos quanto a East End, e a esperança de um time mais competitivo pode justificar a mudança para esse grupo de torcedores. O plano do clube não envolve somente a mudança de casa, mas uma mudança de “marca” que o afaste do modelo de clube local, a adição da palavra “London” e a remoção das caricatas torres de castelo do escudo do clube são exemplos de um movimento que busca aumentar o espectro de torcedores, ainda que estes não venham a ser fiéis como os atuais. Para essa nova marca, o Estádio de Londres é, inegavelmente, mais adequado. Ainda assim, Brian Willians, torcedor e autor do livro *Home from Home*, onde documenta seus sentimentos no primeiro ano na nova casa, duvida que o estádio em Stratford um dia alcance o status de seu antecessor. “A diferença chave é que ele nunca poderá ser a alma da comunidade da maneira que Boleyn Ground foi. Ele fica no meio do Parque Olímpico, não é no coração de um distrito residencial e nunca será”.

A recente experiência do West Ham United evidencia os múltiplos aspectos que constroem a identidade de um estádio de futebol. É compreensível que a parte mais marcante da experiência se passe dentro do recinto, nas arquibancadas e nos campos, onde de fato acontece o jogo, mas exemplos como o clube londrino mostram que não são só nos 90 minutos, e dentro de campo, que o futebol acontece. Futebol é também memória,



Estádio Olímpico de Londres, foto: whufc.com



Boleyn Ground e sua comunidade, foto: Nigel Kahn

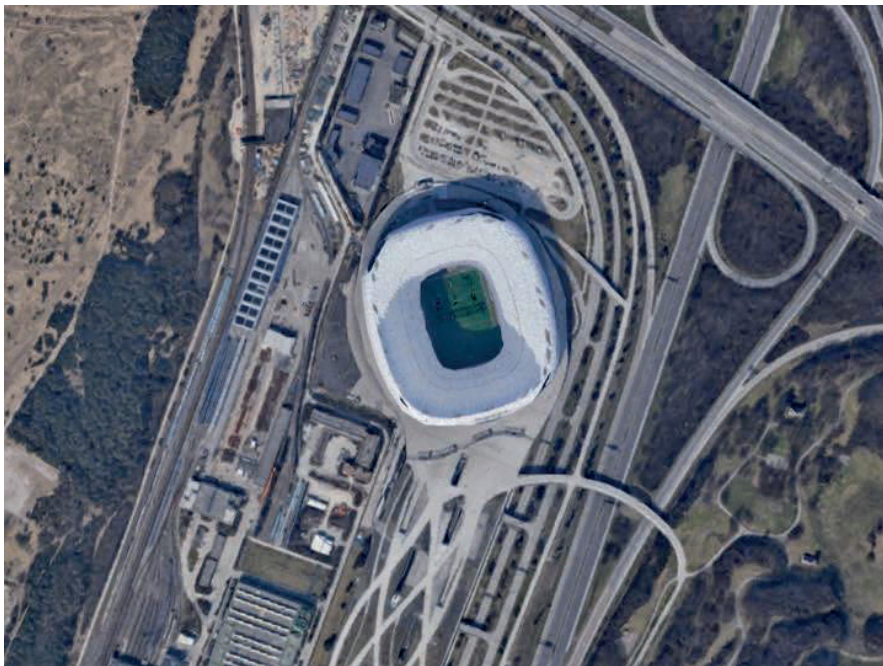


Olimpico de Londres, sem comunidade adjacente, foto: Sean Whetstone

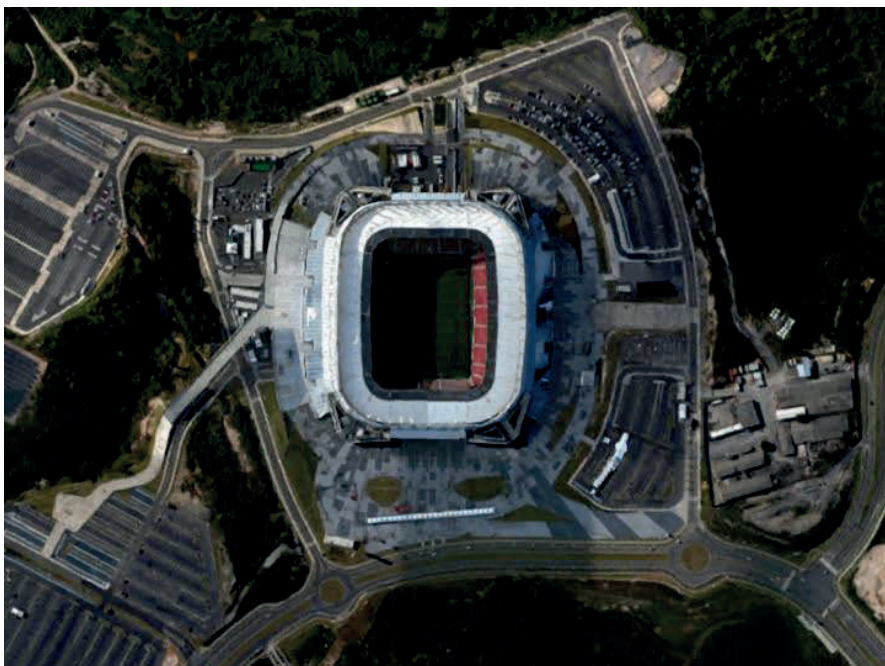
identidade, história, e parte disso floresce ao redor da casa, e não apenas dentro dela.

Para construir um estádio de futebol é necessário um terreno extenso. Dificilmente se encontra um de tamanho adequado em regiões densas da cidade e, mesmo que existam, esses terrenos são mais caros que os mais afastados, além de exigirem uma logística complicada para sua construção. Assim sendo, é comum que a construção de novas arenas aconteça sempre fora de regiões urbanizadas, o que dificulta, ou pelo menos posterga, o aparecimento de comunidades como a dos Hammers em East End. A emblemática Allianz Arena, em Munique, o recente Wanda Metropolitano, em Madrid e os vários estádios construídos para a Copa de 2014 no Brasil são alguns exemplos de estádios quase sem nenhum tecido urbano em seus arredores. Há também aqueles que, apesar de estarem situados em regiões mais centrais da cidade, não são necessariamente zonas densas, no meio de grandes esplanadas ou parques, o que também dificulta o surgimento de estabelecimentos dedicados ao time ou times que jogam nesses estádios, é o caso do Mineirão, em Belo Horizonte, do Castelão, em Fortaleza, e do Allianz Stadium, de Turim.

Torcedores conseguem encontrar maneiras de transformar o espaço, ao menos em dias de jogos, em algo semelhante a essas comunidades clubísticas. Nos arredores do Castelão, em Fortaleza, é montada uma feira em uma das avenidas que rodeiam o terreno do campo, que funciona como espaço de reunião e confraternização dos torcedores antes das partidas. Curiosamente os times (Fortaleza e Ceará) organizam costumeiramente pequenos shows de música na esplanada do estádio, também antes das partidas, onde só quem possui ingresso tem acesso. Fácil deduzir que a adesão do torcedor a tais shows é irrisória, se comparada à espontânea e popular feira, aberta a todos. Ainda assim, a atmosfera dessas “improvisações” da torcida dificilmente se equipara àquelas de estádios circundados por uma comunidade torcedora, com estabelecimentos que além de somar à experiência antes e após a partida, ainda servem como lugares de reunião para assistir ao jogo para aqueles que não conseguiram ingresso.



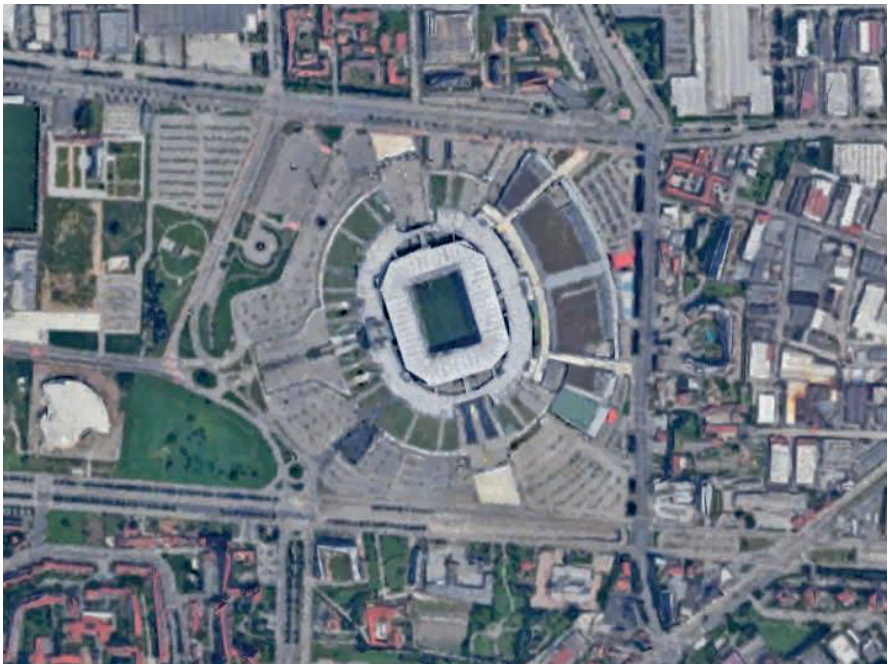
Allianz Arena, Munique, fonte: Google maps



Arena Pernambuco, Recife, fonte: Google maps



Castelão, Fortaleza, fonte: Google maps



Allianz Stadium, Turim, fonte: Google maps



Feira ao lado do Castelão, foto: Frederico Basso

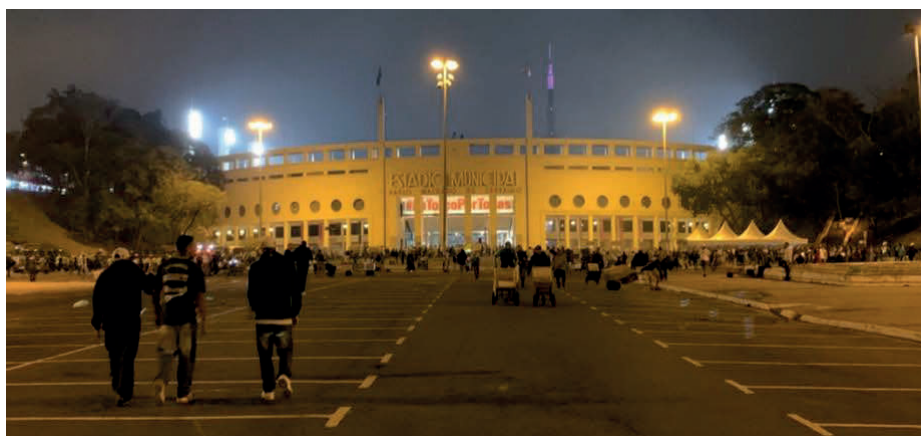


Show na esplanada do Castelão, pouca adesão, foto: Frederico Basso

Pode-se encarar esses espaços vazios e amplos ao redor dos exemplos citados como “não lugares”, na concepção de Marc Augé (1992): lugares sem relações de história e pertencimento com seu usuário, que às vezes se tornam “lugares” apenas por mobilização popular, como no caso do Castelão. Em sua essência, os arredores desses estádios são meros espaços de passagem, destinados ao fluxo rápido para que os torcedores cheguem e saiam de maneira fácil e rápida. A própria FIFA incentiva esse fluxo rápido no seu documento “FIFA stadium safety and security regulations”. Não são lugares de confraternização de torcedores antes do jogo, de encontro e conversa onde, dominados pela ansiedade pré-jogo e as infinitas possibilidades de resultados e acontecimentos que o futuro próximo guarda, esses torcedores possam, por antecedência, experimentar o futebol através de inacabáveis discussões. Não existem relações de pertencimento, apenas de passagem.

Em contraste aos estádios pousados em meio ao nada existem aqueles que não apenas estão em meio à densa malha urbana, mas que possuem a epítome do que Augé categoriza como um “lugar”: um espaço dotado de significado histórico e cultural, e constantemente ressignificado pelo próprio uso recorrente. Eu, palmeirense, enxergo isso na Rua Palestra Itália, antiga Turiassu, onde costumo passar horas antes dos jogos e onde comemoro meus títulos. Tenho esse sentimento também na praça Charles Miller, quando o jogo é no Pacaembu. Sentimento que é, certamente, compartilhado por corinthianos.

É em Buenos Aires, entretanto, que encontramos essa questão em sua essência. Christopher Gaffney, em seu livro “Templos dos Deuses na Terra”, dá o nome a seu capítulo sobre Buenos Aires de EstádioLandia, nome adequado para uma cidade que possui 17 estádios, sem contar os dois de Avellaneda, ali perto, de Racing e Independiente. Gaffney explica que a proliferação dos estádios na cidade, na primeira metade do século XX, a maioria ainda pequenos, ajudou a juntar os residentes de diferentes zonas, e facilitou o surgimento de identidades específicas de cada uma dessas zonas. Essas identidades ajudaram a posicionar indivíduos e grupos na matriz urbana, não só com suas relações entre si mas também em oposição aos outros grupos. Alguns times tomaram para si o nome de seus bairros e o



Praça Charles Miller antes de jogo, foto: Frederico Basso



Estádios de Buenos Aires, fonte: La Pelota No Dobla

espaço do estádio então se tornou palco de embates de diferentes grupos por superioridade esportiva e territorial. *“Isto é, os times não estavam somente defendendo suas metas e campos, mas seu estádio, barrio e identidade coletiva. Para líderes e membros dos clubes, sem contar políticos e homens de negócio, o estádio efetivamente funcionava como uma terra natal que servia para alocar poder, identidade e significado”* (GAFFNEY, 2008).

A identidade dos times de Buenos Aires com seus respectivos bairros é tanta que esse último se tornou tão essencial quanto o próprio estádio, e mais importante ainda que títulos. Tomemos como exemplo a recente reconquista de seu bairro pela equipe do San Lorenzo. O clube, fundado em 1908, em uma região do bairro de Almagro, que posteriormente se transformaria em Boedo, construiu seu antigo estádio, o Velho Gasômetro em 1916. Apelidado de “Wembley argentino”, foi a casa da seleção argentina por 30 anos e, até 1950 era o maior estádio do país, com capacidade para 60 mil torcedores. O clube era referência e orgulho para os novos moradores do bairro em um acelerado período de urbanização, integrado em diferentes esferas sociais, culturais e esportivas.

Bairro progressita, Boedo já possuiu a maior biblioteca da cidade, e costumava ser palco para peças de teatro, cinemas e carnaval. Assim, sempre foi alvo dos governos com inclinações totalitárias. Em 1971, o presidente Comandante Augustín Lanusse, de um governo anticonstitucional, quis construir uma avenida que passava pelo terreno do Velho Gasômetro. Felizmente para os Corvos (apelido dos torcedores do San Lorenzo), na época, esse plano não se concretizou. O estádio, no entanto, não sobreviveu à ditadura militar de 1976. Durante esse período o Velho Gasômetro foi palco de atos públicos de associações contra o governo militar e, portanto, se tornou um local a ser combatido pelos mesmos. Em 1979, durante uma grave crise econômica, e sob grande pressão dos militares, o clube vendeu seu terreno por 900 mil dólares. A última partida da equipe em seu antigo campo foi no dia 2 de dezembro de 1979.

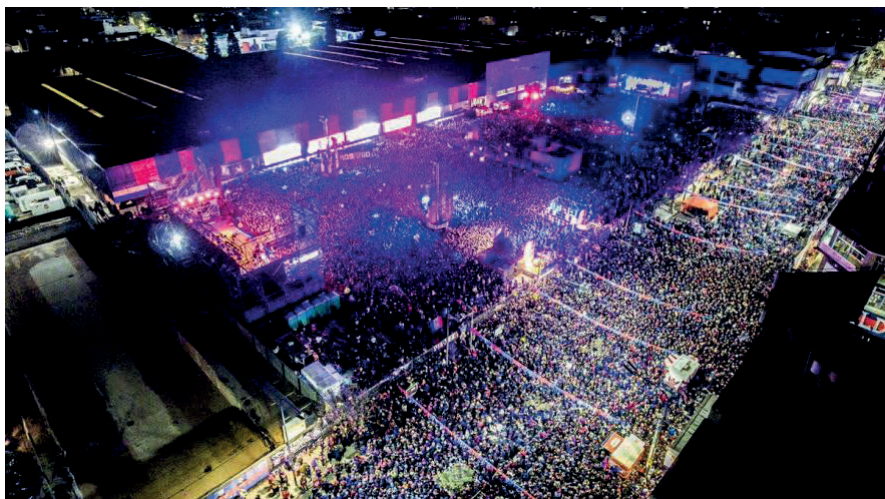
Desse ano em diante, o San Lorenzo jogou em diversos estádios diferentes, que alugava para cada jogo, caiu para a série B argentina em 1982, sendo o primeiro dos grandes a ser rebaixado e, em 1985, viu o seu antigo estádio se transformar no primeiro Carrefour do país. Em 1993,

inaugurou o seu novo estádio, o Novo Gasômetro, a três quilômetros de Boedo, em Bajo Flores. Mas mesmo de casa nova, seus torcedores continuavam a luta por justiça para retomar seu antigo terreno. A pressão pública se tornou mais intensa a partir de 2006. No dia 8 de março de 2012 cem mil torcedores foram à Praça de Maio pressionar pela aprovação da Lei de Restituição Histórica que devolveria o atual terreno do Carrefour ao clube. E em 15 de novembro daquele mesmo ano a lei foi aprovada. O processo para readquirir o terreno ainda durou mais 7 anos. Com pouco dinheiro, o San Lorenzo ainda precisou de ajuda de seus torcedores, que simbolicamente compraram metros quadrados do novo estádio. Em 5 de maio de 2019, o Carrefour da Avenida La Plata foi fechado, e lá estavam os corvos, campeões da Libertadores de 2015, para comemorar a maior conquista de sua história: sua volta a Boedo.

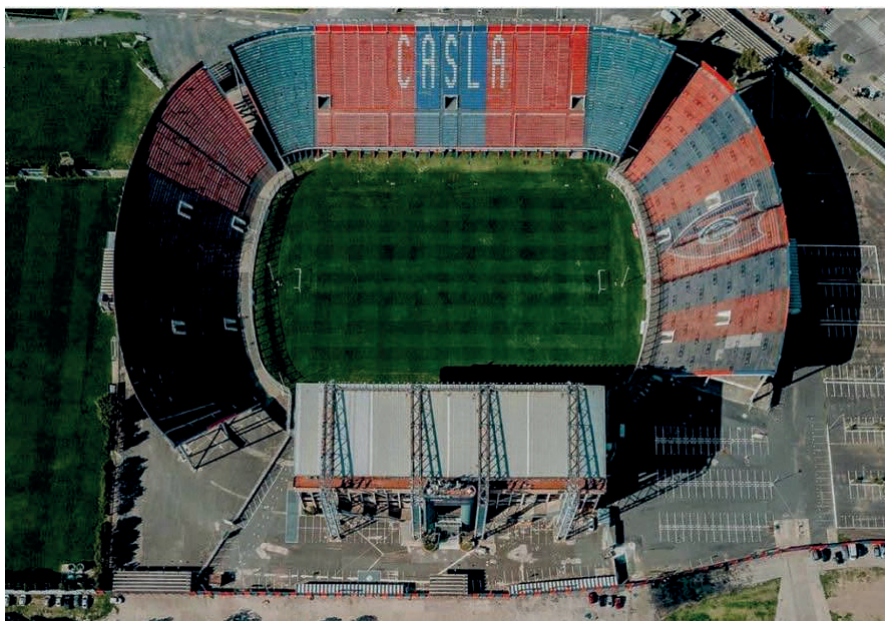
*“Y dale alegría, alegría a mi corazón
La vuelta para Boedo es mi obsesión
Tener una cancha como la del tablón
Y en Av. La Plata salir campeón
Vamos a volver
Al barrio que a San Lorenzo lo vio nacer”*



Torcida comemora reconquista de seu terreno, foto: extracampo.com.br



Torcedores comemoram o retorno no terreno reconquistado, na Av. La Plata, Foto: Medium de Carlos Oliveira



Novo Gasômetro, foto: Passione e Fede



Pintura na fachada de estabelecimento na Av. La Plata, em frente ao terreno do Velho Gasômetro, foto: Passione e Fede



Velho Gasômetro, foto: extracampo.com.br

TERRITÓRIO

Até aqui, tratei de questões intangíveis dos estádios de futebol, da maneira como o espaço permite sua interpretação sob olhares históricos e identitários, mas não propriamente do espaço físico em si, digo, das arquibancadas que circundam o gramado, e do próprio campo de jogo.

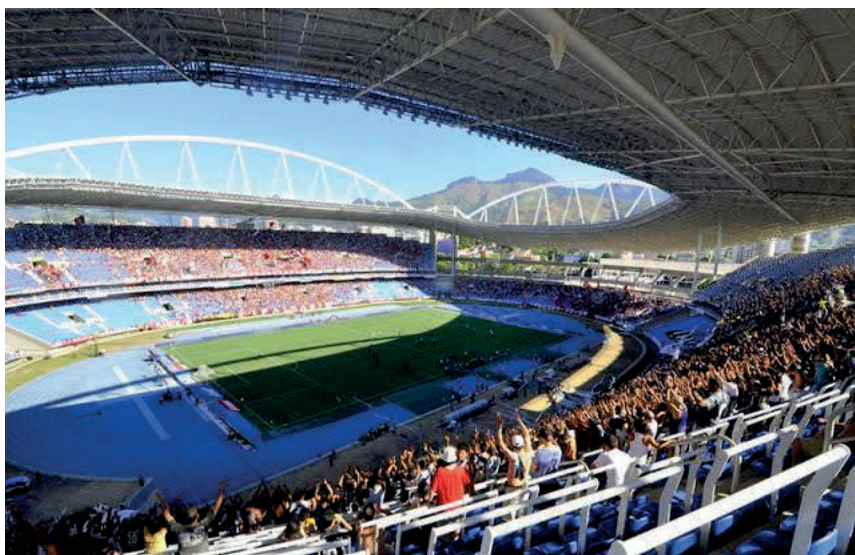
A ideia do estádio de futebol traz ao imaginário do torcedor imagens diferentes da enorme variedade desses pelo mundo, mas ao fim, assim como a enorme variedade de esquemas táticos e modelos de jogo tem sempre como objetivo o gol, ou ao menos, a vitória, a imagem do estádio remete sempre (ou quase sempre) ao retângulo verde cercado por duas arquibancadas centrais e duas arquibancadas atrás dos gols. O projeto desses espaços é atribuição do arquiteto, e são esses espaços que transformarão os potenciais anteriormente discutidos em realidade, para a possibilidade da experiência ideal para o torcedor durante a partida.

As arquibancadas do estádio de futebol não funcionam como a maioria das arquibancadas de outros espetáculos, o espectador não está ali apenas para assistir ao jogo. As torcidas participam e constroem também o espetáculo, apresentam-se em seus rituais, danças e cânticos para os jogadores e para os outros torcedores ali presentes. Assim sendo, devem ser tratadas também como palco e, como palco, seu tamanho e distância ao espectador são importantes. Tomemos aqui depoimentos de botafoguenses acerca do Engenhão, coletados por Martin C. C. Spöri:

“O Engenhão é um convite para a torcida não participar do jogo. Primeiro você pode gritar a todo pulmão que ninguém vai te escutar de dentro do campo. A não ser que tenha 45.000 pessoas dentro do estádio e tudo mundo cante a mesma música ao mesmo tempo. [...] A acústica é muito ruim. Segundo porque as torcidas ficam muito separadas uma da outra. Então uma torcida tá lá no alto do estádio no canto direito a outra tá lá em baixo na norte. Então não consegue nem escutar o que tá cantando. Consequentemente canta coisas diferentes o tempo todo [...] (Torcedor botafoguense Michael, Ilha do governador)” (SPÖRI, 2012, p.213).



Engenhão, foto: Alex Carvalho



Distância do campo para as torcidas no Engenhão, foto: Flahoje.com

“É um estádio olímpico mesmo, né. Não é um estádio pro futebol. Não tem característica do estádio de futebol brasileiro, aquela coisa da torcida em pé, gritando. Ai fica aquela coisa a torcida sentada. Dá um desânimo aquilo ali. Fica triste, fica bucólico, fica... Você senta, parece até que tá velho, que tá no Maracanã velho. Sentar pra ver o jogo, assistir (Torcedor botafoguense Arnaldo, Botafogo)” (SPÖRI, 2012, p.213).

Os dois depoimentos apresentam o Engenhão como um estádio frio, grande demais para que a torcida consiga o protagonismo que buscam os torcedores. Primeiramente por sua capacidade, muito acima da média de público esperada, evidenciada na fala de Michael, quando diz que só seria escutado de dentro de campo caso 45 mil pessoas estejam cantando ao mesmo tempo, o que raramente acontece. O segundo aspecto que torna o estádio frio aparece também no depoimento de Michael, e sua causa no de Arnaldo, as torcidas ficam muito separadas, as grandes arquibancadas estão muito distantes entre si, separadas por enormes vãos na estrutura. É um estádio olímpico, portanto, além do campo de jogo, está ali também a estrutura necessária para competições de atletismo, o que afasta as arquibancadas do gramado e de si mesmas.

O mesmo problema existe no Estádio Olímpico de Londres, do West Ham, tratado anteriormente e no Estádio Olímpico de Berlim, casa do Hertha BSC, estádio com a menor taxa de ocupação da liga alemã, 66% contra 92% de média da liga. É portanto, um problema recorrente em estádios olímpicos que se tornam estádios de futebol após as Olimpíadas, mas não é exclusivo deles.

A partir da construção do Maracanã, em 1948, o futebol no Brasil passou por um período de proliferação de estádios gigantes que durou até o fim da década de 70. O Olímpico, Beira-Rio, Morumbi, Mineirão, Castelão, Serra Dourada e Fonte Nova são todos produtos desse período, todos com públicos recordes acima de 100 mil torcedores, em uma época com menos restrições quanto à ocupação e menor interferência da televisão no público presente nos jogos. Grande parte desses estádios foram reformados para se adequarem às condições atuais do futebol nacional. Aqueles que ainda não

foram, o Morumbi e o Serra Dourada, hoje pagam, de maneiras diferentes, o preço de seu gigantismo.

No Morumbi, Artigas, ao afastar os dois anéis inferiores do estádio do gramado, os posicionando abaixo da grande arquibancada superior, oferece a quem observa de dentro do gramado a sensação de que os anéis de concreto flutuam um acima do outro. Grandes pilares em formato de ípsilon sustentam a arquibancada superior, escondidos atrás das fileiras de cadeiras, fazendo a estrutura de mais de 70 toneladas parecer leve de dentro do estádio. Ao mesmo tempo essa configuração permite que os acessos aos dois níveis inferiores se deem em nível, revelando uma visão panorâmica do gramado ao torcedor à medida que se aproxima da arquibancada.

Para isso, entretanto, Artigas precisou afastar as arquibancadas do gramado e, apesar de criar uma espécie de muralha de torcedores em dias de casa cheia, por mantê-los empilhados em três lances de arquibancada verticais, o que poderia dar ao estádio a atmosfera de caldeirão almejada pela torcida, a distância dos torcedores, tanto do gramado quanto dos torcedores em outros setores, dificulta a criação dessa atmosfera, de maneira semelhante ao Engenhão. Na Bomboneira, em contraste ao Morumbi, podemos ver também três lances de arquibancada quase que verticais que, apesar de não disporem de acessos em nível e da mesma elegância estrutural do projeto brasileiro, por estarem imediatamente ao lado do gramado, criam o ambiente eletrizante que não se vê no estádio tricolor.

Além da distância do campo, Artigas também posicionou a arquibancada (na época sem assentos, hoje não mais) maior e mais popular no anel superior, afastando o torcedor mais barulhento do campo, diferentemente de outros estádios da época, que possuíam as gerais nos espaços mais próximos do campo, como o Maracanã ou o Beira-rio.

O próprio Serra Dourada, de Paulo Mendes, possuía uma geral, hoje desativada. O projeto, além da geral, dispõe de um grande anel circular ao redor do gramado, e teve como princípio ser aberto para a cidade, condizente externamente com a escala urbana e o caráter de seu entorno. Para tal, Paulo utilizou as arquibancadas para, externamente, desenhar praças protegidas sob elas, no interior do estádio, estabelecendo assim uma relação do estádio com a cidade. Junto a isso, o acesso em nível, feito possível pela cota inferior

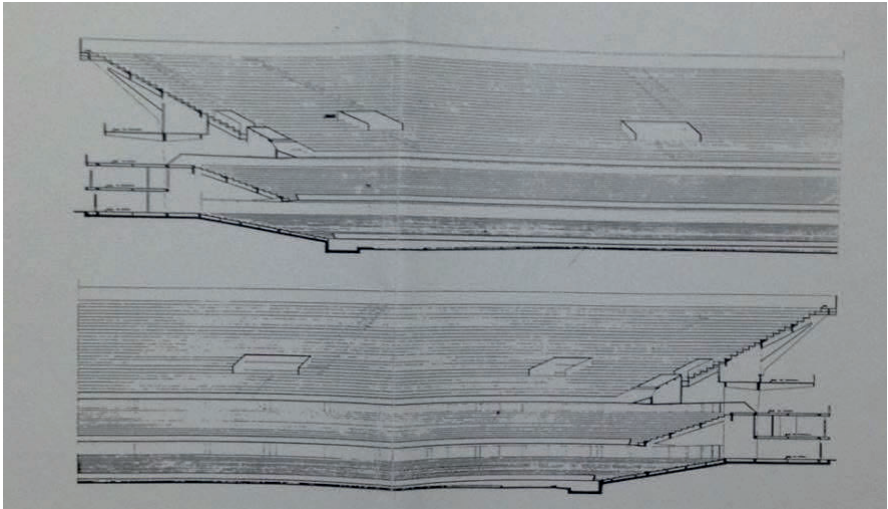
do gramado em relação ao entorno do projeto, dota o projeto de permeabilidade visual e espacial. Por estar enterrado, também, o estádio não foge da escala urbana, mas insere-se como um volume compatível com a área.

Por dentro, no entanto, seu tamanho ocasiona o mesmo problema do Morumbi, afasta os torcedores do jogo e de si mesmos. A visão, tomada como partido de projeto ser ampla, do gramado e das arquibancadas, torna-se diminuta frente a tamanha distância do espectador aos palcos e seus protagonistas: os jogadores, a torcida, a bola. Seu formato circular dificultou a aproximação, tendo fixos os pontos mais próximos ao gramado em suas quinas e os meios dos setores como os pontos mais distantes. A escala humana do projeto é somente de fato encarnada em seu exterior, o interior se apresenta em uma escala monumental fria e, atualmente, distante da realidade dos times da cidade.

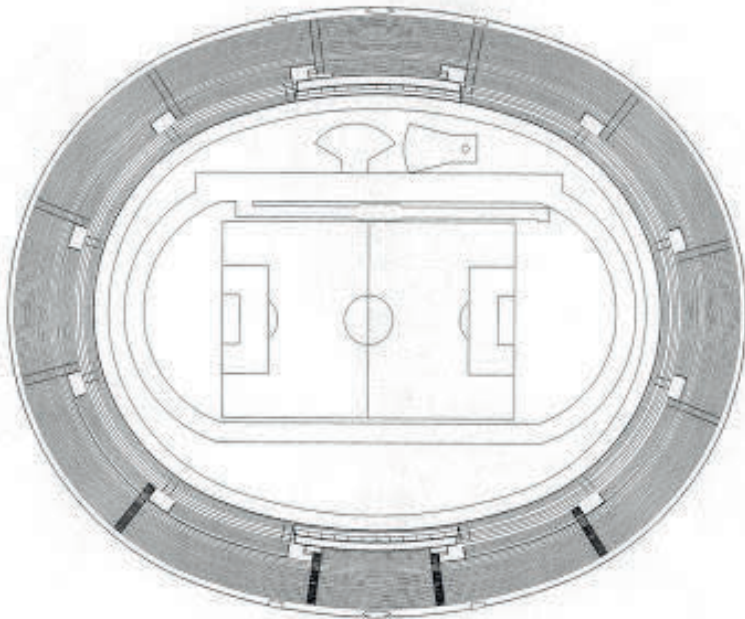
O resultado do gigantismo do estádio goiano, que ao contrário do Morumbi está em uma cidade sem clubes com grandes torcidas ou relevância expressiva no cenário nacional, é uma casa frequentemente vazia para os times locais, e de difícil manutenção. O Goiás, maior clube da cidade (e aqui me perdoem os torcedores do Vila Nova e do Atlético Goianiense), teve média de público de 14.296 torcedores no Campeonato Brasileiro de 2019, apenas 29% da capacidade total de 50 mil do estádio. Atualmente, o clube está em fase final da reforma de seu estádio particular, o “Serrinha”, onde já manda todos seus jogos. Igualmente, o Atlético Goianiense e o Vila Nova também não mandam seus jogos atuais no Serra Dourada, mas em seus próprios estádio, o Antônio Accioly, conhecido popularmente como Castelo do Dragão e o OBA, Onésio Brasileiro Alvarenga, respectivamente.

Pode-se pensar que, caso estivesse no grupo de estádios reformados para a Copa do Mundo de 2014, os problemas de público seriam solucionados e os clubes locais prefeririam utilizá-lo em vez de reformar suas próprias casas. Há exemplos, no entanto, que mostram que não é simples assim.

O Náutico, em 2013, trocou o Aflitos, seu campo desde 1939 pela nova e moderna Arena Pernambuco em uma situação semelhante à vivida pelo West Ham com o Olímpico de Londres. *“A meta é fazer do Náutico*



Seção transversal do Morumbi, fonte: acervo FAU-USP



PLANTA - VISTA
GERAL

01

1100
m



Planta do Morumbi, fonte: acervo FAU-USP



Estádio do Morumbi, foto: Cristian Lourenço



Visão das arquibancadas do Morumbi, foto: Gabriel Uchida



Inauguração do Serra Dourada, em 1975, foto: sagresonline.com.br



Serra Dourada atualmente, sem a geral e com pouco público, foto: [A Voza de Anápolis](#)



Serrinha, em 2021, foto: Galonews.com.br



Castelo do Dragão, em 2021, foto: Heber Lopes



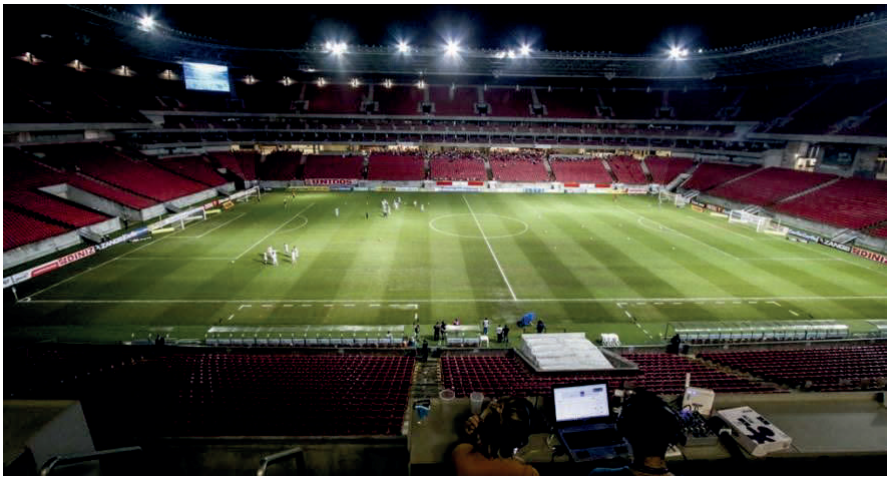
OAB, em 2016, foto: espn.com.br

um dos 10 maiores clubes do país”, disse o então presidente do conselho deliberativo, André Campos. A ideia era utilizar o novo equipamento esportivo para catapultar o time a um patamar acima do que vivia então, aproveitando a boa campanha do ano de 2012. Não foi o que aconteceu, em 2013 o time foi rebaixado à série B, perdendo 12 dos 19 jogos que teve como mandante em sua nova casa, um grande contraste com o ano anterior, quando havia perdido apenas 3 dos 19, e vencido 13.

Há de se levar em conta que diversos fatores colaboraram para a queda de desempenho do time fora a mudança de estádio, mas não pode ser encarado somente como coincidência a concomitância dos anos de má fase com os anos vividos na Arena Pernambuco. Afinal após retornar ao Aflitos em dezembro de 2018, o desempenho do time melhorou, o que culminou em sua volta à série B no ano de 2020. Gil Luiz Mendes⁵ resumiu a imagem do que era assistir a um jogo realizado na Arena: *“A cena se repete em quase todos os jogos desde que o Náutico começou a mandar seus jogos na Arena Pernambuco. Quem assiste às partidas pela TV vê uma grande mancha vermelha nas arquibancadas formada por cadeiras vazias. A visão de dentro do estádio não é muito diferente. Jogar com a maior parte da capacidade desocupada virou rotina para o Timbu nos últimos anos.”.* Note o contraste da fala de Gil com a declaração de Kuki, segundo maior artilheiro da história do time, sobre o Aflitos: *“Sempre foi assim. Basta você ouvir todas entrevistas pós-jogo em qualquer estádio do Brasil, o cara do time adversário sempre diz que é difícil jogar naquele campo. Quando vinham jogar nos Aflitos já usavam isso como desculpa para uma eventual derrota”.*

É claro que, além do impacto da casa vazia na experiência dos torcedores, em um estádio super dimensionado para o público esperado, existem problemas financeiros. O ápice dos problemas do clube com a arena aconteceu em 2016, quando o governo de Pernambuco rescindiu o contrato com o consórcio que administrava o espaço e repassava o montante financeiro ao Náutico, contrato que deveria durar 33 anos e acabou em três.

⁵ <https://medium.com/puntero-izquierdo/uma-torcida-que-quer-voltar-para-casa-1225989789ac>



Arena Pernambuco antes de Náutico x Juventude, em 11 de Julho de 2017, foto: Puntero Izquierdo



Estádio Aflitos em sua reabertura, em 2018, foto: Léo Lemos

O custo de cada partida a partir de então foi quase sempre maior que o lucro das bilheterias e, apesar de não arcar com prejuízos, custeados pelo governo Pernambucano, o Náutico não recebia quase nenhum lucro de seus jogos.

O caso da Arena Pernambuco torna difícil crer que reformar o Serra Dourada o torne atrativo para os times goianos, apesar da sensibilidade do projeto de Paulo Mendes, muito singular se comparado a projetos de estádios de futebol em geral, o tamanho exagerado do local parece torná-lo pouco viável para as condições do futebol atual.

O mesmo acontece fora do continente americano, um caso semelhante ao Serra Dourada é o Stadio San Nicola, em Bari, projeto de Renzo Piano. O campo, separado das arquibancadas por uma pista de atletismo, está localizado em uma leve depressão que permite que o anel inferior se desenvolva junto à inclinação do terreno, possibilitando que seu acesso seja em nível com o terreno exterior, pela parte superior do anel. A estrutura do nível superior eleva-se acima da depressão como uma coroa, única parte do estádio visível à distância, dividida em 26 segmentos que se estendem acima e para fora, como pétalas de uma flor. O acesso a cada setor se dá pelos espaços entre cada segmento, por meio de escadarias. Como o Morumbi e o Serra Dourada, a estrutura do estádio dá sua forma e conduz os torcedores e seus olhares durante o acesso ao campo de maneira sublime, mas também enfrenta o mesmo problema com seu tamanho da dupla brasileira.

Construído para a Copa do Mundo de 1990, San Nicola possui 60 mil lugares, o que faz o terceiro maior da Itália em termos de capacidade, o clube da casa, S.S.C. Bari, no entanto, está longe de ser um dos gigantes italianos e em poucas ocasiões sua torcida conseguiu encher o estádio. As consequências são as mesmas do projeto de Paulo Mendes da Rocha: pelo olhar do torcedor, as arquibancadas distantes do gramado esfriam a atmosfera, afastando-os dos jogadores e de outros torcedores, ainda mais pela segmentação da arquibancada popular; para o clube, fica a dificuldade de gerir um estádio gigante que não consegue receita suficiente para sua manutenção. Atualmente, a espaçonne, como é popularmente conhecida, já muito deteriorada, passa por uma pequena renovação de suas arquibancadas, e de sua cobertura resta somente a estrutura.

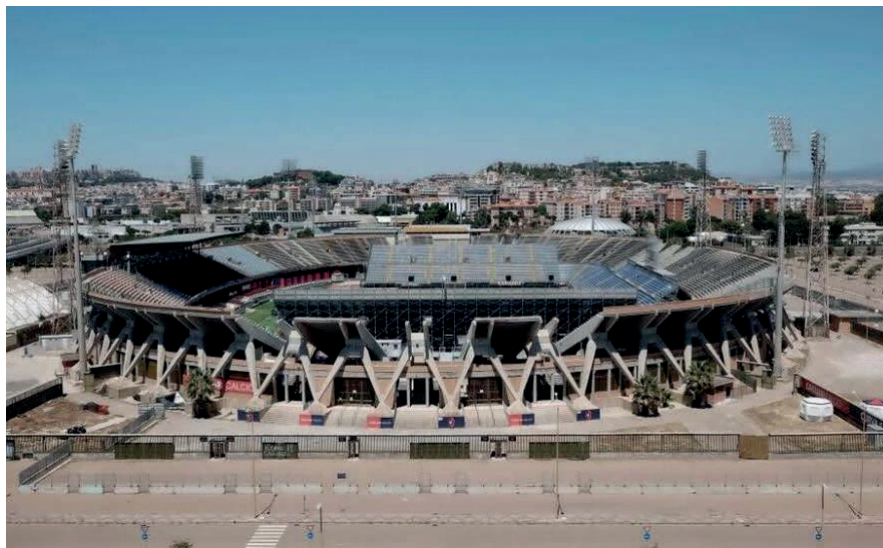


Estádio San Nicola, foto: calcioweb.eu



Dificuldade da torcida em lotar o San Nicola, foto: rpbw.com

Na ilha de Sardenha, o Cagliari Calcio, confrontado com esse mesmo problema, encontrou uma solução curiosa, construiu arquibancadas novas mais próximas do gramado, sem demolir a antiga estrutura do estádio Sant'elia. A solução foi provisória, servindo até 2017, quando o clube iniciou o processo de reforma do estádio para uma arena multiúso.



Estádio Sant'ellia, foto: arquivo L'Unione Sarda - Ungari

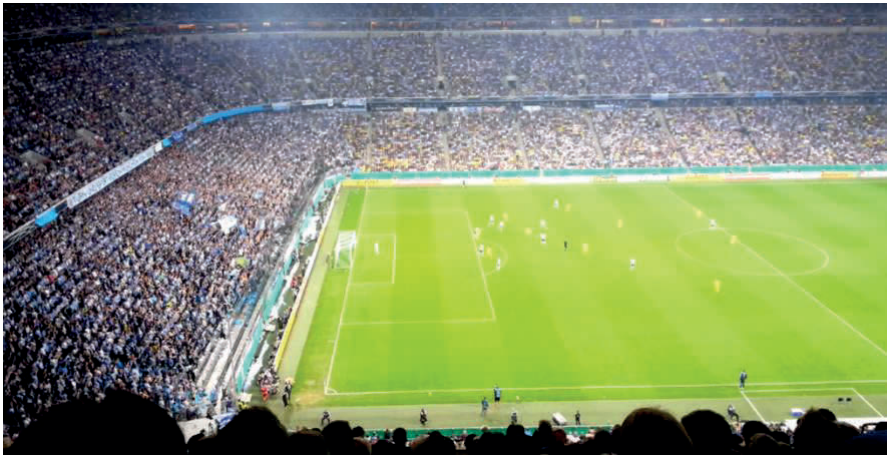


Estádio Sant'ellia, foto: Pierluigi Montalbano

Se podemos traçar um paralelo intercontinental entre o Serra Dourada e o San Nicola, podemos também fazer entre a Arena Pernambuco e a Allianz Arena, de Munique. O palco da final da Copa do Mundo de 2006, projeto do escritório Herzog e De Meuron é a casa do multicampeão Bayern de Munique e, como é de se esperar, está sempre lotado. Existe, no entanto, um segundo time que já mandou seus jogos na arena, o TSV 1860 Munique, que hoje disputa a terceira divisão alemã.

Leandro Vignoli, em seu livro “À Sombra de Gigantes: uma viagem ao coração das mais famosas pequenas torcidas do futebol europeu”, relatou a experiência de visitar a arena, em 2017, para assistir a uma partida do pequeno 1860 Munique, contra o Nürnberg. Vignoli conta que o tamanho do estádio e a falta de identificação do torcedor com a arena são reclamações constantes da torcida alemã, que não gosta do local: *“Um público de 24 mil pessoas está longe de ser ninguém, ainda mais em uma gélida noite de segunda-feira (...). O problema todo é que a grandiosidade da Allianz Arena deixa o ambiente mais frio ainda.”*

De 2013 a 2017, os azuis de Munique obtiveram quatro vezes a pior taxa de ocupação da segunda divisão alemã, em torno de 30% dos 75 mil lugares disponíveis. Por mais fiel e fanática que seja a torcida, é impossível criar uma atmosfera contagiante quando dois terços das arquibancadas estão vazios e, em um estádio tão grande, são raros os dias que isso não acontece. Um desses dias foi 24 de setembro de 2013, contra o Borussia Dortmund, pela Copa da Alemanha. Vignoli transcreve o relato de Christoph, torcedor de 25 anos que esteve no jogo: *“Existe uma amizade entre as torcidas do 1860 e do BVB e a atmosfera foi insana. (...) Foi um dos meus jogos preferidos da vida. Seguramos até a prorrogação e infelizmente perdemos, mas nunca saí de uma derrota tão feliz quanto naquele dia.”*



*1860 Munique x Borussia Dortmund em 2013,
fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uLG-A1E-74M>*

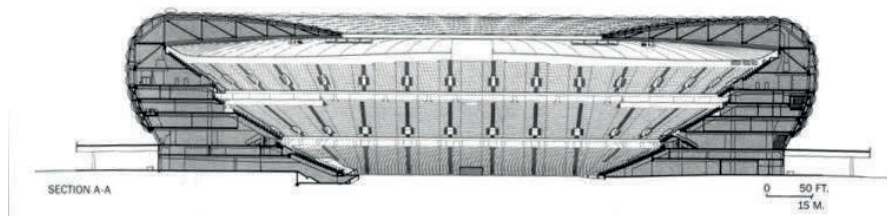


1860 Munique x VfL Bochum, pela segunda divisão alemã, 2014, foto: Waleson Lopes

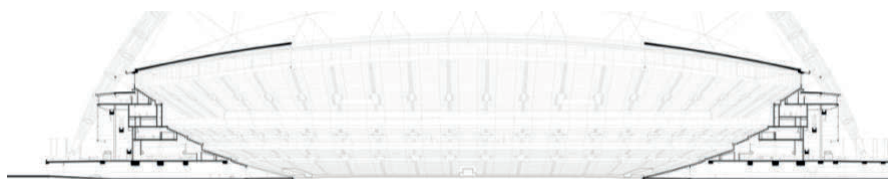
Obviamente, quando lotado, o projeto de Herzog e De Meuron é magnífico. As três enormes arcadas que se desenvolvem quase que ininterruptamente a partir de poucos metros além das linhas do campo permitem que se crie uma enorme massa de torcedores próxima aos jogadores. A inclinação elevada das arquibancadas, evidente, se comparada a outros gigantes europeus, também colabora para que se crie o efeito caldeirão. Por fim, o estádio também conta com um dos setores imediatamente atrás dos gols sem cadeiras (com exceção de jogos da Liga dos Campeões, em que é obrigatório todos os setores serem inteiramente com assentos), o que, aliado à intensidade característica do torcedor alemão, contribui ainda mais para a atmosfera do estádio.



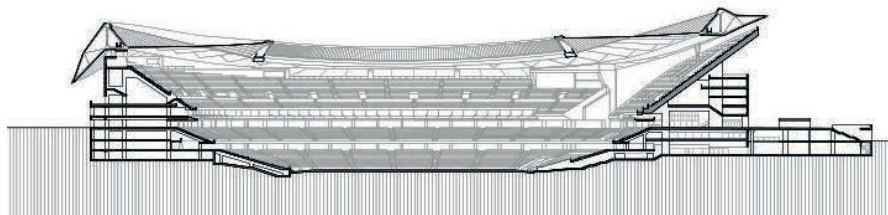
Setor de "safe-standing" da Allianz Arena, patamares se transformam em assentos em jogos da Liga dos Campeões, foto: Ilromanista.eu



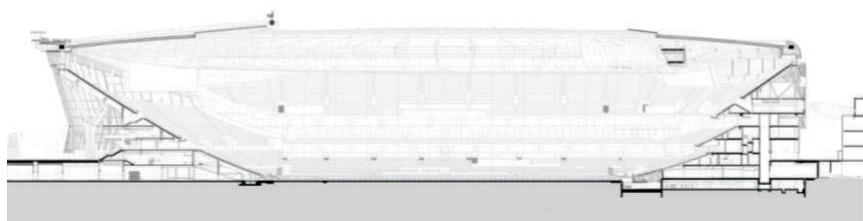
Allianz Arena, Munique, seção transversal, fonte: <https://jakhongirshaturaev.wordpress.com/>



Wembley Stadium, Londres, seção transversal, fonte: Archdaily.com



Wanda Metropolitano, Madrid, seção transversal, fonte: Archdaily.com



Tottenham Hotspur Stadium, Londres, fonte: Archdaily.com

Infelizmente, a qualidade do projeto só se concretiza quando o uso adequado, isso é, com a casa cheia. O sonho dos torcedores do 1860 Munique, desde que se mudaram para a arena, era voltar a sua velha e tradicional casa em Giesing, o Grünwalder Stadion, de 15 mil lugares, a mais de 10 quilômetros de distância. Era comum que em jogos do time seus ultras exibam faixas com os dizeres *Alle wege führen nach Giesing*” (Todos os caminhos levam a Giesing) e muitos preferiam assistir aos jogos do time reserva, da quarta divisão, realizados em Giesing. *“Está sempre lotado e o ambiente é incrível. Muitos ultras do 1860 boicotam a Allianz Arena, então eles preferem assistir aos jogos dos Amas (amadores), o que transforma esse clássico no grande ápice da temporada”*, explicou Christoph para Vignoli. Ironicamente, ao cair para a quarta divisão em 2018, o clube realizou os desejos dos torcedores, ao voltar para seu antigo estádio, apesar do fracasso no âmbito esportivo, como confirma a matéria do Spiegel Sport, intitulada *“É simplesmente mais legal lá; 1860 Munique caiu na quarta liga - e comemora: finalmente você está pequeno o suficiente para jogar em casa no amado estádio Grünwald. Na estreia houve uma atmosfera de festival folclórico.”*⁶

A escala do estádio, portanto, não diz respeito somente a sua relação com a cidade que o abriga. O tamanho de suas arquibancadas e sua relação com o tamanho da torcida que o frequenta interferem diretamente na experiência do torcedor durante o jogo. Um estádio de proporções monumentais traz ao imaginário do torcedor imagens, vividas in loco ou por meio de registros históricos, de grandes momentos da história do futebol, em seus mais famosos e gigantes palcos, Maracanã na final de 50, Azteca na final de 70, e através dessas imagens é comum que se assuma a qualidade do estádio pela sua capacidade. Mas, como visto, caso a monumentalidade não seja acompanhada de uma torcida de tamanho compatível, o destino do campo é quase que inevitavelmente jogos vazios, manutenção inviável e, eventualmente, o abandono.

⁶ <https://www.spiegel.de/sport/fussball/1860-muenchen-und-die-rueckkehr-ins-gruenwalder-stadion-dahoam-ist-s-am-schoensten-a-1159232.html>



Torcida do 1860 Munique na volta ao Grünwalder Stadion, foto: Tobias Hase



Grünwalder Stadion, foto: Stefan Sz

ARQUIBANCADA

“Torcer é fustigar a esfera segura da individualidade e, nessa medida, seria como que experimentar extensões, torções e projeções do “eu” na esfera pública, ou, aproximando-nos de conceituações como as de Gell, tornar-se torcedor seria como que “distribuir a pessoa” num universo integrado por outros milhares de indivíduos, coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol [...]” (TOLEDO, 2010, p.182).

Assim define, Luís Henrique de Toledo, o significado de torcer. Projetar suas próprias subjetividades a uma esfera pública, para compor, como massa, a torcida. Torcer é, ao mesmo tempo, uma atitude individual e coletiva. Ainda que não se faça necessariamente no estádio, aquele que está de fora se sente representado pelo que está dentro, apoiando seu time.

O “torcer” coletivo é, então, composto de diversas maneiras particulares de expressão, como definiu também Bernardo Hollanda: *“o comportamento do torcedor é aquele menos mensurável, menos quantificável, menos previsível. De todos os atores do futebol, é o personagem ainda menos compreendido”* (2012).

Ao admitir que o torcedor faça parte do espetáculo e o conduza à sua maneira, o futebol permite diferentes jeitos, específicos de cada indivíduo, de se relacionar com o evento. Apenas no meu breve espectro grupal de palmeirenses (eu, meu pai, meu primo), estão três maneiras distintas de encarar cada partida: aquele que comenta todo e qualquer lance durante os 90 minutos, como que sugerindo uma conversa/análise imediata das ações com os que o cercam, aquele que quer assistir à partida acima de tudo, e se manifesta em momentos pontuais de tensão e euforia, e aquele que vê como obrigação cantar e incentivar o time ininterruptamente. Cabe, portanto, a cada um, definir sua própria conduta, e tanto o esporte como as arquibancadas, historicamente, sempre deram espaço para os mais diversos comportamentos.

Nesse aspecto, existe, quase que contraditoriamente, um monopólio das torcidas organizadas no imaginário popular quando se pensa em maneiras diferenciadas de se comportar em uma partida de futebol. A

imagem do estádio brasileiro que existe hoje é bem dividida entre regiões distintas de comportamento homogêneo ou heterogêneo, este segundo sendo sempre aquele onde estão as torcidas organizadas do clube. É previsível, portanto, que a presença de uma torcida organizada seja percebida como a causa para o espaço heterogêneo, diverso e vibrante e, apesar dessa percepção não estar de todo errada, a lógica por trás da relação causa-consequência desse fato não é tão direta como se possa imaginar.

Martin Curi (2012) relata o surgimento de diversos grupos de torcedores deliberadamente ‘não-organizados’ durante a primeira década do século XXI: Loucos pelo Botafogo, Legião Tricolor, Guerreiros do Almirante, Urubuzada e, o que o autor define como o precursor desse movimento, a Geral do Grêmio. A principal ideia por trás desses grupos era se afastar do termo organizada. “Na opinião de alguns espectadores, o torcedor deve expressar livre – e individualmente – sua paixão pelo time, não necessitando de organização, já que isso pareceria algo não espontâneo e, por isso, não natural do futebol” (CURI, 2012, p. 199). Não só, as torcidas organizadas eram tidas como problemáticas, principalmente pela conduta violenta a que eram regularmente associadas. Era um problema também político. O acúmulo de poder gerado pela afiliação de milhares de torcedores incentivava seus líderes a buscar influência dentro do próprio clube. A Geral do Grêmio surgiu, então, como reação às organizadas. Seu nome veio do setor popular onde os torcedores costumavam se encontrar, a geral, e seu intuito era apoiar o Grêmio de maneira explicitamente distinta das torcidas organizadas: não havia mensalidade, carteirinha, diretoria ou uniforme. O único requisito para se dizer parte do movimento era o apoio permanente durante os jogos, idealmente sem palavrões, vaias ou protestos.

Apesar das diferenças, é comum que esses dois grupos compartilhem o mesmo espaço, os setores populares do estádio de futebol, cada vez mais escassos. Sendo assim, a torcida organizada realmente ocupa a arquibancada mais diversa e vibrante do estádio, mas não é somente ela que o faz assim.

De maneira semelhante, esses mesmos setores são vistos como mais perigosos, nesse caso por grande influência das organizadas. Uma pesquisa realizada pelo Lance! em parceria com o IBOPE (em 1998 e 2004) sobre os

motivos de afastamento dos torcedores do estádio relatou um aumento de 61% para 79% no item ‘falta de segurança’ (tabela 1). Gabriel Bocchi (2016), em sua etnografia da então Arena Itaquera (hoje NeoQuímica Arena), encontrou uma família (pai, mãe, filha e filho) que, apesar de morarem a “poucos metros” do Pacaembu, nunca haviam ido a um jogo do Corinthians. O pai ficava preocupado em levar os filhos aos jogos no antigo estádio, com medo da violência, mas ao ouvir amigos e parentes falarem bem da nova arena, considerou a hipótese, e escolheu um jogo de pouca importância para executá-la.

Motivo	1998	2004
Falta de segurança	61%	79%
Preço do ingresso	16%	36%
Poder assistir pela TV	Alternativa não incluída	23%
Mau desempenho/times fracos	9%	15%
Falta de conforto nos jogos	Alternativa não incluída	14%
Horário dos jogos	Alternativa não incluída	7%
Falta de ídolos	4%	4%
Nenhuma razão/Não sabe/Não opinou	20%	6%

Tabela 1. Motivos de afastamento, fonte: Lance!/IBOPE (2004)

O caso relatado por Bocchi é apenas um exemplo de uma percepção que transita entre realidade e fantasia, essa última construída pela mídia e pelos cartolas para elitizar o futebol. “Sabemos o quanto a dinâmica de apropriação popular dos estádios “fordistas” de certa forma excluía segmentos sociais interessados no futebol, que alimentavam, todavia, certa topofobia, tomando tais espaços como lugares violentos e machistas, razão pela qual não podemos ser nostálgicos: o ambiente reinante em dias de confronto de grandes rivalidades clubísticas era hostil para mulheres, idosos e crianças. Mas o novo modelo que se impõe, sem diálogo, não deixa de engendrar novos – e mais abrangentes – mecanismos de exclusão.”



Geral do Grêmio, foto: www.facebook.com/geral.do.gremio



Urubuzada, foto: flamengorj.com.br

(MASCARENHAS, 2015, p. 11). Mascarenhas sintetiza bem, nessa passagem, as duas facetas do estádio de futebol e seus respectivos problemas, deixando claro aquela que está “ganhando” a disputa atualmente. É um embate da heterogeneidade, que cria atmosferas vibrantes, danças contagiantes, gritos de incentivo, mas que também carrega consigo a violência que amedronta e causa tragédias, contra a homogeneidade, que traz segurança mas padroniza os torcedores, os cercea e reduz a natureza abrangente, diversa e participativa do estádio a um mero palco de teatro.

Mascarenhas (2015) enxerga nessa disputa algo além do espaço do estádio, um embate entre as forças que determinam a produção da cidade, que prioriza o valor de troca a seu uso efetivo, e o povo que de fato a utiliza, *“E assim o jogo continua, na disputa pelo sentido do estádio, que sinaliza, de alguma forma, a luta pelo sentido da cidade.”* (MASCARENHAS, 2015, p. 11).

Focando o olhar somente no espaço, e deixando de lado práticas de controle como banimento de bandeiras, monitoramento excessivo e repressão às práticas coletivas, enxergamos a vitória do movimento homogêneo e das forças cerceadoras nos modelos ‘all-seated’ das novas arenas, na intensa setorização e até mesmo na ausência de alambrado: ora, a separação da arquibancada ao gramado realizada por apenas um pequeno guarda-corpo é quase um convite ao torcedor mais exaltado, o que só faria sentido em um ambiente onde se sabe que esse torcedor não existe.

A solução (já existente) para esse embate está em um estádio democrático, em parte “arena multiúso” e em parte “geral”, que abranja lugares padronizados, estéreis e seguros como busca a família entrevistada por Bocchi e que também acolha torcedores ativos, como os retratados por Thomaz Farkas em seu documentário “Todomundo” (1980) .



Balão tricolor no Morumbi, fonte: Todomundo, Thomaz Farkas



Corinthians, fonte: Todomundo, Thomaz Farkas



Palmeirenses, fonte: Todomundo, Thomaz Farkas



Torcedor, fonte: Todomundo, Thomaz Farkas



Torcedores cantando embaixo da arquibancada, fonte: Todomundo, Thomaz Farkas



Morumbi lotado, fonte: Todomundo, Thomaz Farkas

Onde ficaria cada tipo de torcedor já é, também, uma pergunta com resposta. As organizadas e os movimentos de torcedores “anti-organizados” estão quase sempre posicionados atrás dos gols, seja por serem setores mais baratos, ou pela maior proximidade com o objetivo final do jogo, o gol. Mesmo em estádios sem setorização, como o Conde Rodolfo Crespi, do Juventus, na Rua Javari, em São Paulo, as organizadas juveninas se posicionam atrás das metas, ou no pequenino Olímpico de Montevideo, o grupo La Banda del Camión, hinchada do pequeno Rampla Juniors, escolhe sempre a arquibancada norte. Não à toa as arquibancadas mais famosas do mundo estão atrás dos gols: The Kop, em Anfield, do Liverpool e a muralha amarela, no Signal Iduna Park, do Borussia Dortmund. As hinchadas mais explosivas da América do Sul também, La Doce, na Bombonera, ou La Guarda Imperial, no El Cilindro do Racing Club de Avellaneda.

De maneira condizente, tais arquibancadas normalmente não possuem cadeiras, com exceção em estádios da Inglaterra, onde isso não é permitido. A Arena Itaquera e a Arena Grêmio no Brasil são assim, no resto da América Latina, países das torcidas mais vibrantes do mundo, também, na Alemanha, país europeu das torcidas mais vibrantes, todos os estádios possuem o setor chamado de “safe-standing”, sempre atrás dos gols. E assim deve ser, permitir ao torcedor participativo que pretende fazer parte do espetáculo através de seus rituais a liberdade para fazê-lo, como bem disse Mascarenhas (2015), a arquitetura simplificada das antigas arquibancadas de concreto, sem assentos e obstáculos permite liberdade de apropriação e movimentação para a massa de torcedores performar suas coreografias caóticas e cativantes.

Numa direção diametralmente oposta estão as arquibancadas laterais ao gramado, onde a prioridade tende a ser o conforto e a visibilidade. O torcedor das centrais quer mais assistir ao espetáculo do que de fato fazer parte dele. Assim, são os setores ideais para os camarotes, cadeiras, lugares marcados, bares, coberturas, e tudo que possa agregar valor de troca à experiência.



Torcida juventina atrás do gol, foto: Marcelo Germano / C.A. Juventus



La Banda del Camión, barra brava do Rampla Júnios, no modesto Olímpico de Montevideú, fonte: barrabrava.net



The Kop, Anfield, foto: beautifulgame.co.uk



Muralha amarela, no Signal Iduna Park, foto: The Football Faithfull



La Guardia Imperial, do Racing Club de Avellaneda, foto: barrabrava.net



La Doce, do Boca Juniors, foto: barrabrava.net



Setor sem cadeiras na Arena Grêmio, foto: Wesley Santos



Setor sem cadeiras na Arena Itaquera, foto: Marcos Ribolli



Setor de "safe-standing" na arena do Hannover, na Alemanha, foto: sportsmanagment.co.uk

Dessa maneira, define-se a posição em relação ao campo de cada arquibancada, o tamanho e desenho de cada uma, entretanto dependem da importância que será dada às particularidades de cada. O que se busca é um estádio vibrante que possa servir de trunfo nos grandes jogos do time? Ou maximizar o preço cobrado por assento? Qual capacidade faria sentido de acordo com o tamanho da torcida? As questões a serem respondidas são particulares de cada projeto.

Abrir mão de algumas dessas arquibancadas impacta a experiência do torcedor (e também dos jogadores) durante a partida, e é algo que deve ser tratado com cautela. A imagem primordial do estádio que descartou duas de suas arquibancadas é o Estádio Municipal de Braga, de Eduardo Souto de Moura, que por possuir apenas as centrais, evidencia a pedreira encostada a sudeste. De fato, é uma paisagem bonita e inusitada, algo inexistente em qualquer outro estádio, mas pode-se questionar se, exatamente por ser assim, essa paisagem não compete com o espetáculo das arquibancadas, dos ultras e torcedores portugueses, mais ainda que o espetáculo apresentado em campo. Questionado sobre esse assunto por José Mateus, em julho de 2004¹, Souto de Moura respondeu que o projeto não era somente para aqueles presentes na partida, era acima de tudo um evento televisivo. “Mas o que é o futebol? São as duas ou três mil pessoas que vão ver o jogo ou é a transmissão televisiva desse desafio a que assistem dois milhões de pessoas? Aí é que está a questão. Colocamos a hipótese de suspender um robô, nos cabos da cobertura, que deslizasse longitudinalmente sobre o relvado. Esse robô pode filmar a cara do jogador como depois inverter a posição e filmar a cara do guarda-redes no momento da defesa. A partir daí, o espetáculo deixa de ser aquele que observa um tipo sentado a 45 metros de altura que vê o canto que é um pontinho. Passa a ter os grandes planos. Para mim o futuro é o futebol feito num estúdio de televisão.”

A fala de Souto de Moura revela certa desconexão do arquiteto com o esporte, ou ao menos com a vivência *in loco* do futebol, visceral, e as paixões envolvidas com o jogo. Ao comparar as “duas ou três mil pessoas que vão ver o jogo” (o que por si só já é um grande eufemismo com o

¹ <https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.019/3325?page=1>

número médio de torcedores que frequentam o estádio de Braga, por volta de 14 mil) com os milhões de torcedores que assistem pela televisão, Eduardo colabora com a transformação do futebol de *“religião leiga da classe operária”* (Hobsbawm, 1987, p. 262) em puro espetáculo midiático, trocando a sensibilidade imediata do futebol ao vivo pela mercantilização dos inúmeros e repetidos pontos de vista. Parece desnecessário explicar a diferença entre assistir uma partida pela televisão e no estádio, o barulho da torcida, dos chutes e divididas, da bola na trave, os gritos dos jogadores, do apito do árbitro, a sensação de ser ouvido por aqueles em campo, a própria visão da bola, que muda de um caso para o outro, como bem define José Miguel Wisnik, *“a bola é a tela que exhibe seus movimentos de rotação e seus efeitos paraorbitais, quando vista em replays ralentados rodando no ar os motivos gráficos que a compõem, o balé que “realiza no nada”, como a própria Terra mercurializada e solta. (Basta ir ao campo, no entanto, e ver o jogo bem de perto, de preferência do alambrado, para sentir de alguma maneira aquilo a que a televisão nos desacostuma: o peso e a opacidade imemorial do capotão, a sempre mesma pelota — uma bola que é uma bola que é uma bola.)”* (WISNIK, José Miguel, 2008) .

Mais adiante na entrevista, o arquiteto conta que começou a frequentar partidas antes de projetar o estádio. “Claro que também estudei futebol e comecei a ir ao futebol com cronômetros a medir o tempo de evacuação dos estádios, pois tem de se poder sair em sete minutos. (...) É de fato um espetáculo lindíssimo ao qual nunca tinha ligado.” Ao prestar atenção ao tempo de evacuação, medido com precisão cronometral, inexistente no futebol de acréscimos arbitrários e dias inteiros dedicados aos jogos por parte dos torcedores, fica evidente que o estádio não foi pensado para aqueles mais envolvidos, foi pensado para aqueles que querem chegar no horário, assistir à partida confortáveis, apreciar também a beleza da paisagem e da própria construção e ir embora sem maiores complicações, em 7 minutos.

Tomando como essa sua função, mais de arena multiúso que estádio de futebol, a obra cumpre muito bem seu papel, com toques estéticos muito interessantes. A circulação na arquibancada sul, horizontalmente por entre furos circulares abertos nos enormes contrafortes de concreto, e

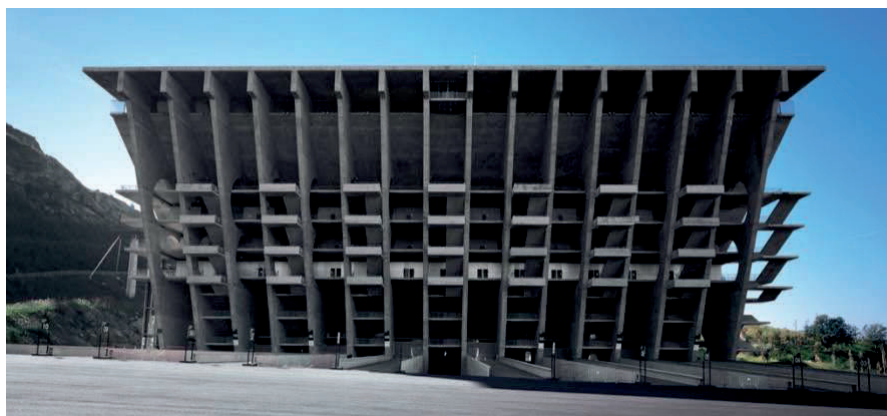
verticalmente por oito escadas que se projetam para fora da estrutura, distribuem bem o fluxo de torcedores, além de constituírem uma linda visão àqueles que se aproximam do estádio. A cobertura, outra parte notável do projeto, sustentada por cabos presos ao topo das duas arquibancadas, a princípio seria contínua, como a pala do pavilhão de Siza para a Expo Lisboa, quase quatro vezes maior. A ideia de uma cobertura fechada é mais um indício da transição de um esporte visceral para algo estéril e mercantil, sob o pretexto de “proteger” o jogo da chuva, para que o arquiteto aponta, ideia também presente nos campos de grama sintética difundidos atualmente, da Allianz Arena de Munique ao meu querido Palestra Itália, anteriormente apelidado de Jardim Suspenso, hoje nem suspenso, nem jardim. Wisnik discorre sobre essa sucessiva esterilização do futebol, com suas coberturas e gramados sintéticos, *“pelo próprio fato de se jogar necessariamente a céu aberto e sobre um chão de terra idealmente gramado, os acidentes do terreno e a força cósmica das intempéries, as lamas inenarráveis em que chafurdam por vezes ataques e defesas, as poças imponderáveis em que a bola subitamente estaciona, sem falar no indefectível “morrinho artilheiro”, fazendo gols por conta própria. As técnicas de drenagem, incorporadas aos grandes estádios, atenuaram muito a dramaticidade patética ou a comicidade desses cenários, sem anulá-los completamente. Porque as hipóteses de um estádio de futebol coberto, ou do jogo sobre carpete, não passavam, felizmente até aqui,” (infelizmente, passaram) “de devaneios tecnológicos de neófitos norte-americanos, quando não de japoneses, fundamentalmente equivocados quanto ao espírito do jogo.”* (WISNIK, José, 2008).

Felizmente, a ideia da cobertura fechada não se concretizou e, junto à estrutura das arquibancadas e a sua inserção na paisagem, a cobertura hoje compõe um dos mais belos estádios do mundo. O restante das funcionalidades do estádio, zonas de imprensa, vestiários e áreas técnicas em geral ficam escondidas entre a arquibancada norte e a encosta de pedra e, por baixo do gramado estende-se um enorme salão, ideal para eventos de grande porte, categorizando uma autêntica arena multiúso. Novamente, para o que foi pensado, o projeto desempenha muito bem seu papel, a ressalva

levantada está justamente em para que e, principalmente, para quem o estádio foi projetado.



Municipal de Braga, foto: Hisao Suzuki



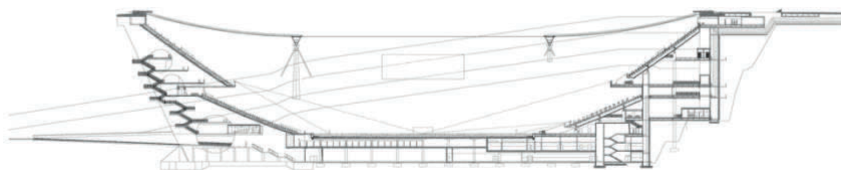
Acessos da arquibancada nordeste, foto: Hisao Suzuki



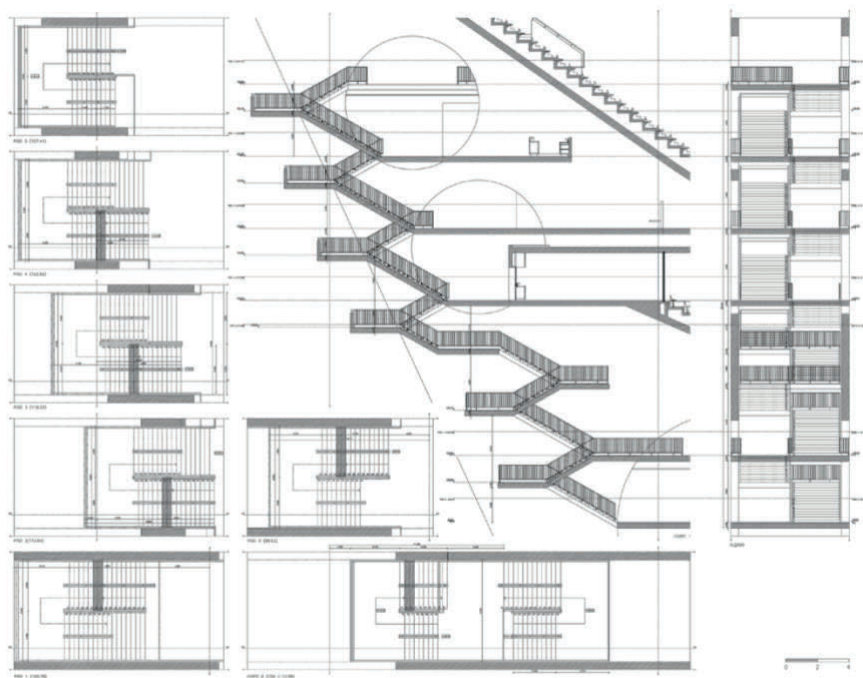
Municipal de Braga, foto: Nacho Doce



Arquibancada nordeste, foto: Hisao Suzuki



Municipal de Braga, corte, fonte: Atlasofplaces.com



Circulação vertical da arquibancada nordeste, fonte: Atlasofplaces.com

Temos aqui no Brasil exemplos de estádios que também não contam com arquibancada atrás de um gol: São Januário, Fonte Nova, o Independência, o antigo Parque Antártica e o Pacaembu antes do tobogã (que será demolido); todos contam, ou contavam no caso do Parque Antártica, com torcida atrás de um gol somente. Apesar da abertura de um dos lados, a atmosfera desses estádios não é prejudicada e seus torcedores são apaixonados pelas respectivas casas. A torcida vascaína traz o sentimento em um de seus cânticos, “São Januário, meu caldeirão”, já o Independência foi por anos casa de um rival do América, o Atlético Mineiro, que, mesmo com o Mineirão à disposição, preferia a atmosfera do estádio do Coelho. Durante os anos do Galo no Independência, inclusive, existiu o bordão “caiu no horto, tá morto”, insinuando a atmosfera intimidadora do estádio e a força do time lá dentro. Sobre os dois de São Paulo posso falar, por experiência própria, sobre as emoções vividas ali em dias de jogos. O Pacaembu não é somente uma ferradura, existe o tobogã. Mas de todo jeito o barulho da torcida vem, assim como vinha no Parque Antártica, do “U” e, mesmo sem o ‘gol sul’ da atual Allianz Arena, o antigo Palestra vibrava com intensidade que poucas vezes vivenciei na nova Arena.

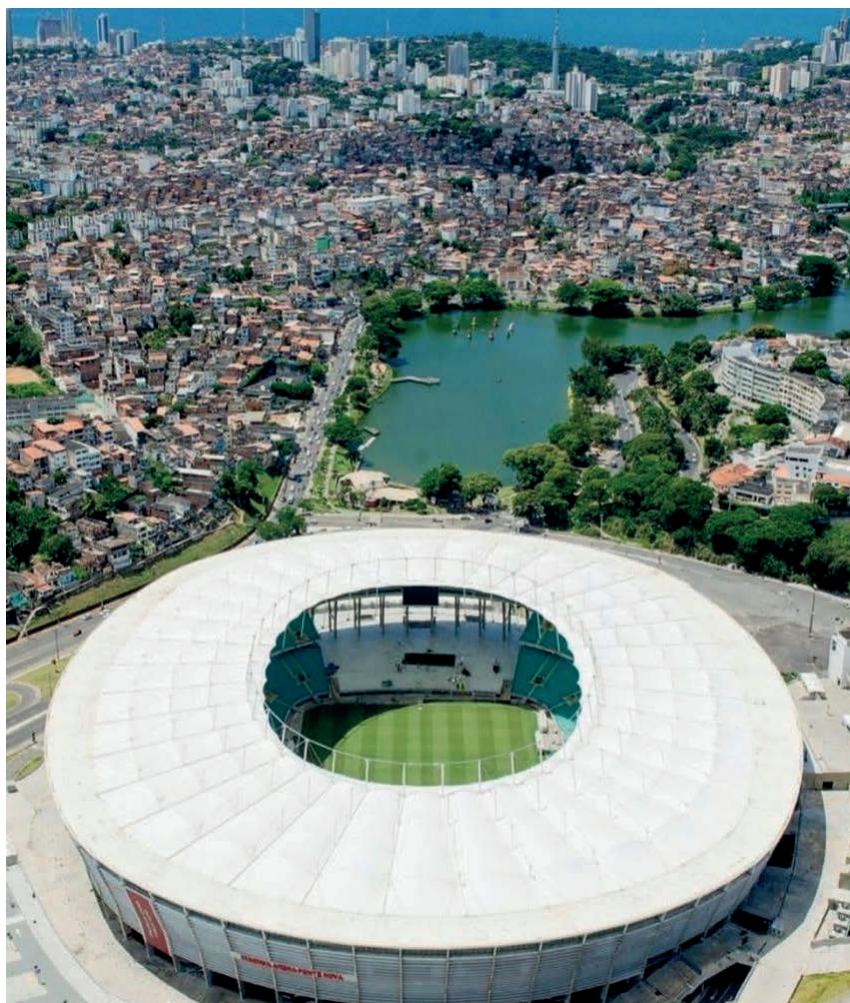
Curiosamente, dois desses estádios estão ao lado de paisagens notórias, como está o Municipal de Braga. No Rio, avista-se uma das sete maravilhas do mundo moderno, o Cristo Redentor. E em Salvador, a abertura nos anéis da Fonte Nova emoldura o Dique do Tororó.



São Januário em 2019, foto: C.R. Vasco da Gama



Independência lotado, foto: blog.chicomaia.com.br



Fonte Nova, o Dique do Tororó e o mar, foto: [Passione Stadi](http://PassioneStadi)

Em contraponto ao projeto de Souto de Moura, que descartou as arquibancadas dos fundos, podemos olhar para Estádio Monumental Isidro Romero Carbo, do Barcelona de Guayaquil, rival frequente de times brasileiros na Copa Libertadores da América. O projeto, de Ricardo Augusto Mórtole de Puglia, tem as arquibancadas dos gols com o algo próximo ao dobro do tamanho das arquibancadas laterais, que no lugar de um segundo anel possuem camarotes, empilhados verticalmente. Dessa maneira, o arquiteto expandiu o setor mais popular do estádio, dando maior área à parte mais ativa da torcida, e manteve os lugares (de arquibancada) mais caros, os centrais, próximos ao gramado. Quanto aos camarotes, lugares de onde não se pode esperar muito em termos de agitação, o arquiteto consegue, ao colocar quatro andares dos mesmos verticalmente acima das arquibancadas centrais, utilizá-los para dar ao estádio um caráter ao mesmo tempo alto e compacto e, assim, aumentar o efeito “caldeirão” do monumental sem prejudicar nenhuma arquibancada, como é comum em arenas onde existe o padrão ‘arquibancada inferior – camarotes – arquibancada superior’.

No Allianz Parque, por exemplo, entre as arquibancadas inferiores e superiores existem dois níveis de camarotes. O resultado é uma arquibancada superior distante do gramado, e com quase nenhum protagonismo no impacto do torcedor durante a partida.

A solução de Ricardo Mórtole para o uso dos camarotes é muito boa, mas pouco utilizada. Dos poucos exemplos que temos de estádios onde o camarote não está entre lances de arquibancadas, dois são o Monumental de Lima e a Bombonera.

O Monumental de Lima, projeto de Walter Lavallega Sarries, inaugurado em 2000, substituiu o histórico Estádio Nacional do Peru como casa da seleção ‘Blanquiroja’ e foi palco da sensacional final da Copa Libertadores de 2019, e segue quase que à risca a cartilha que defini anteriormente para um estádio ao mesmo tempo vibrante e confortável, que agregue diferentes tipos de torcedores. As cadeiras estão somente nas arquibancadas centrais, liberando os ‘gols’ para torcedores assistirem de pé, com liberdade de movimentação para performances e comemorações. Os acessos se dão pela parte superior da arquibancada, sem túneis de entrada no meio das fileiras, o que em dia cheio compõe uma gigante e ininterrupta

massa de pessoas. Os camarotes, como no Monumental de Guayaquil, são seis pavimentos verticalmente posicionados acima das arquibancadas, tornando o estádio de 80 mil lugares compacto e claustrofóbico, um enorme caldeirão. Acima dos camarotes, a falta de cobertura, o que pode ser encarado como o único ‘pecado’ do projeto por quem não gosta de tomar chuva, revela ainda uma bela visão do começo da cordilheira dos Andes.

A Bombonera, por sua vez, ocupa uma lateral inteira do gramado quase que somente com camarotes, uma pequena arquibancada seguida por quatro andares dos chamados ‘palcos’. Adaptação necessária devida ao pequeno espaço de que dispunha o projeto, a grande verticalidade do estádio, tanto nas arquibancadas quanto na “parede” de camarotes, combinada ao comportamento explosivo de umas das mais temidas torcidas do mundo, dá ao estádio seu caráter aterrorizante, que muito castiga os clubes brasileiros, que em 40 duelos no recinto venceram apenas 8, um desses sem torcida, devido à pandemia de 2020. De maneira semelhante aos “Monumentais”, a Bombonera possui cadeiras (e guarda-corpos nos anéis superiores, pela inclinação elevada) somente nas arquibancadas laterais, onde estão os torcedores mais “comportados”, e as arquibancadas dos gols somente em concreto, onde ficam os mais exaltados, com destaque especial à arquibancada da organizada La Doce, que tem seu território claramente demarcado.

Esses três estádios latinos desenham um interessante contraste com as mais recentes arenas multiuso, em sua maioria europeias, principalmente com o projeto de Souto de Moura, em Braga. Ao distribuir de maneira igualitária as prioridades do estádio, conseguem, de maneira distinta, criar atmosferas inclusivas que, por admitirem todos os torcedores e colocá-los em seu “habitat natural”, tornam-se também atmosferas vibrantes, enérgicas e intimidadoras aos visitantes.



Monumental Isidro Romero Carbo, em Guayaquil, foto: Barrabrava.net



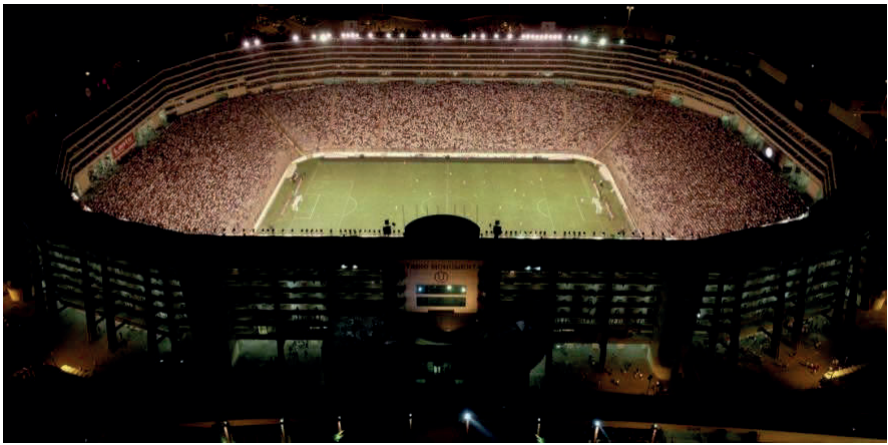
Camarotes do Monumental I. C., foto: Barrabrava.net



Visão da arquibancada sul do Monumental I.C., foto: Barrabrava.net



Visão dos camarotes do Monumental I.C., foto: Barrabrava.net



Monumental U de Lima, foto: Goal.com



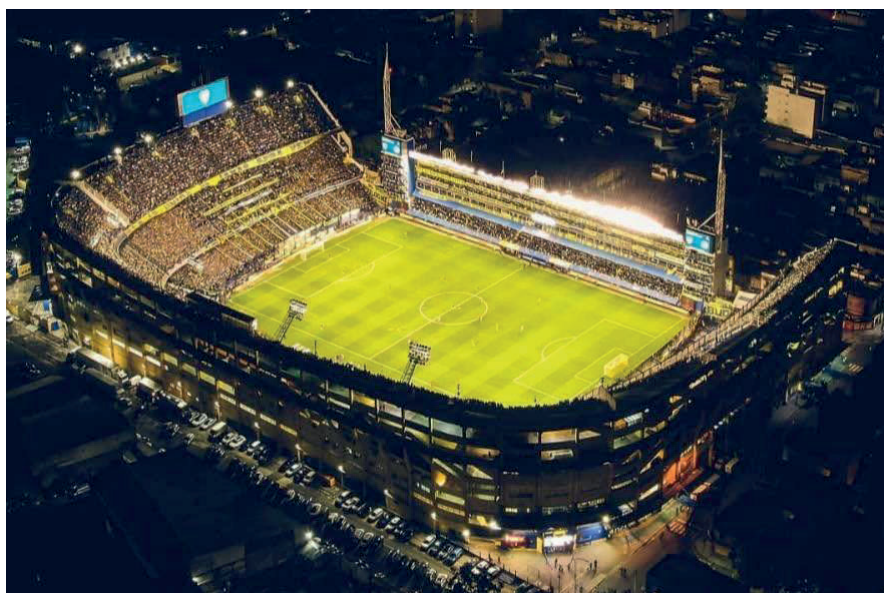
Arquibancadas e palcos do Monumental U, foto: Templosdelfutbol.com



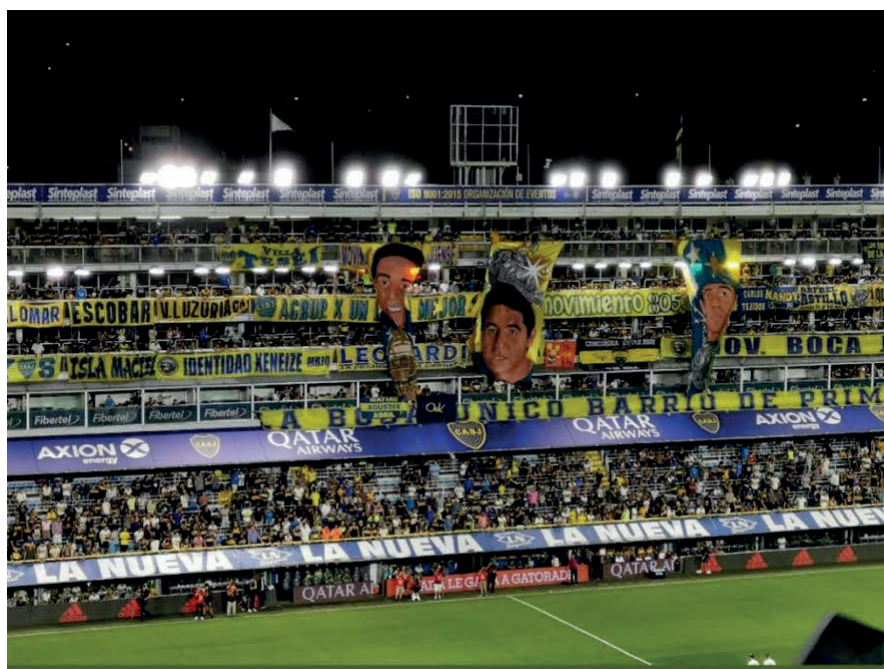
Arquibancada norte do Monumental U vista do gramado, foto: Templosdelfutbol.com



Torcedores no Monumental U, foto: Templosdelfutbol.com



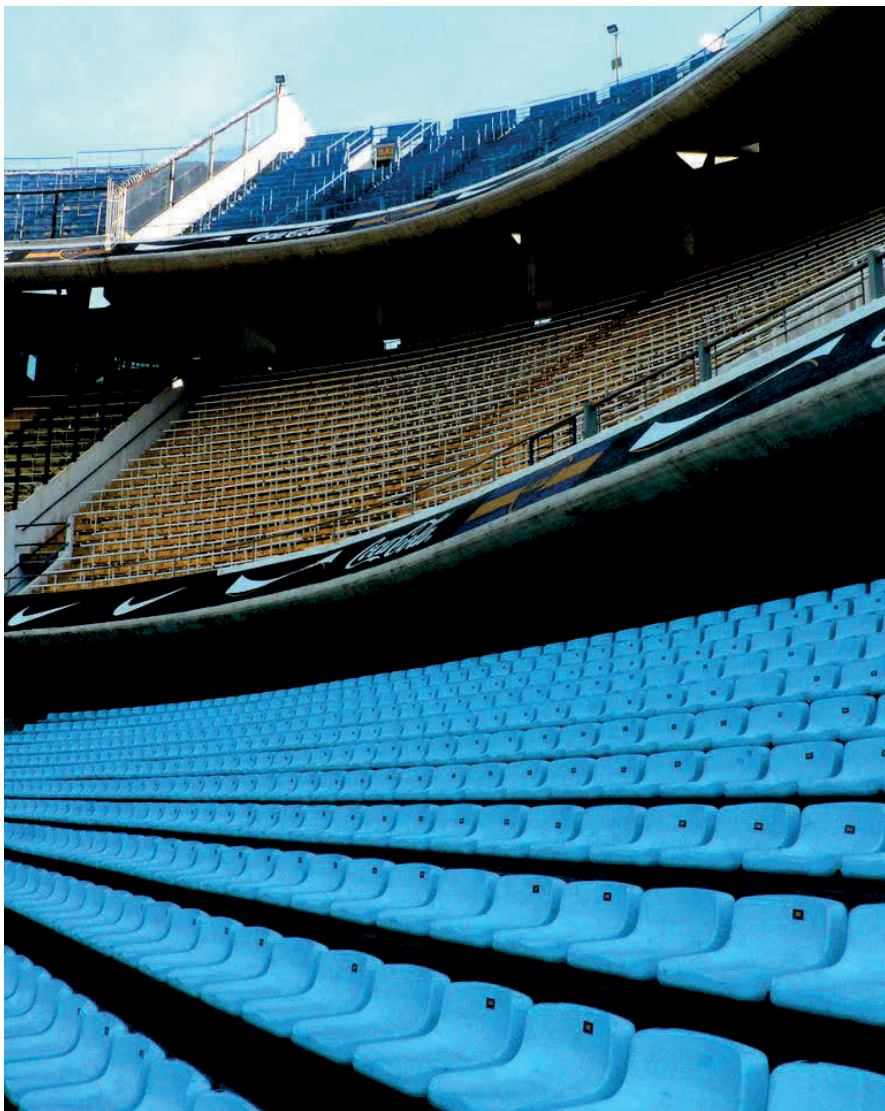
La Bombonera, foto: Ale Petra



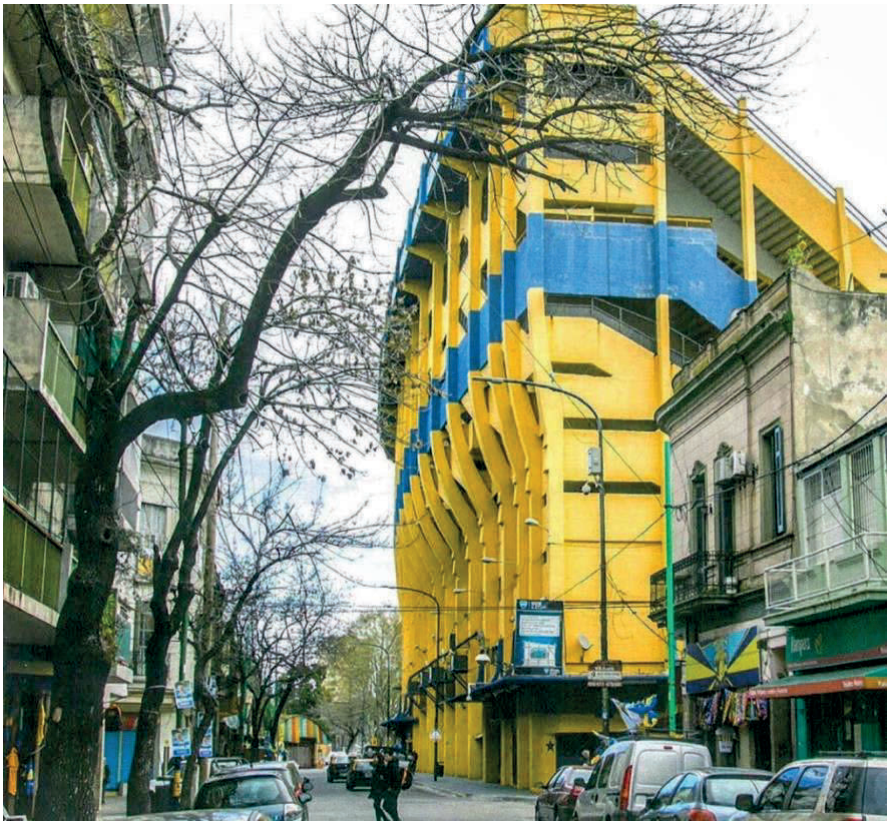
Pared de camarotes de La Bombonera, foto: Stadiongebod



'Parede' de arquibancadas da Bombonera, fonte: twitter.com/bocajrsoficia



Verticalidade das arquibancadas da Bombonera, foto: Templosdelfutbol.com



Verticalidade externa da Bombonera, foto: Passione e Fede



Arquibancada da icônica barra brava, La Doce, foto: Barrabrava.net

SAN LORENZO DE ALMAGRO

Voltemos a Buenos Aires, Boedo especificamente. Encerro esse trabalho com minha proposta para o novo estádio do San Lorenzo, em seu antigo terreno, reconquistado.

Não pretendo aqui apresentar um projeto a nível executivo, nem com todas as áreas técnicas resolvidas. O foco está, especialmente, nas áreas por onde passa o torcedor: o entorno, os acessos, as arquibancadas, os camarotes e a sala de troféus.

A ideia consiste em resgatar aspectos do Velho Gasômetro e do Novo Gasômetro, respeitando assim as memórias criadas por torcedores nesses recintos, para criar um estádio democrático, que abarque diferentes tipos de torcedores e permita que se desenvolva atmosfera de caldeirão.

Mantive o formato do Velho Gasômetro, arquibancadas retas ao lado do gramado, suas quinas em curva e uma delas ligeiramente menor que as outras três. Do antigo estádio também foram lembrados os acessos térreos na parte inferior das arquibancadas. Do Novo Gasômetro tomei a inclinação das arquibancadas, a posição de camarotes e cabines de imprensa na única arquibancada coberta e os alambrados.

Segui os preceitos de manter as arquibancadas próximas ao gramado, com uma circulação horizontal no nível do campo, separada do mesmo pelo alambrado. Posicionei três pavimentos de camarotes acima da arquibancada leste, único setor coberto do estádio, com o último pavimento acomodando também cabines de imprensa e central de mídia. Mantive as arquibancadas dos gols sem assentos, ao contrário das arquibancadas centrais.

Pela grande identificação do clube com o bairro, o estádio é pensado também para funcionar como centro comunitário em dias sem partidas. Assim, o espaço embaixo da arquibancada central oeste admite sua ocupação se integrando com a praça entre o estádio e a Av. La Plata. As lanchonetes desse setor do estádio se abrem tanto para dentro quanto para fora, e em dias sem partidas o espaço pode ser ocupado por mesas de jogos, sinuca, pebolim, futebol de botão, tênis de mesa, assim como mesas de bar.

Em dias de jogo, a praça em frente ao estádio funcionaria como o ponto de encontro e confraternização dos torcedores, fazendo uso dos já existentes estabelecimentos clubistas na Avenida La Plata. A praça dá acesso às arquibancas gol norte, gol sul e central oeste, possibilitando à torcida se reunião, quase completamente, no mesmo local antes da partida. O único setor sem acesso pela praça a Av. La Plata é o setor coberto, onde ficam também os camarotes e os torcedores mais abastados, normalmente mais preocupados com o conforto e provavelmente, os que dariam menos relevância aos encontros do pré-jogo e mais relevância a um acesso mais ‘privado’.

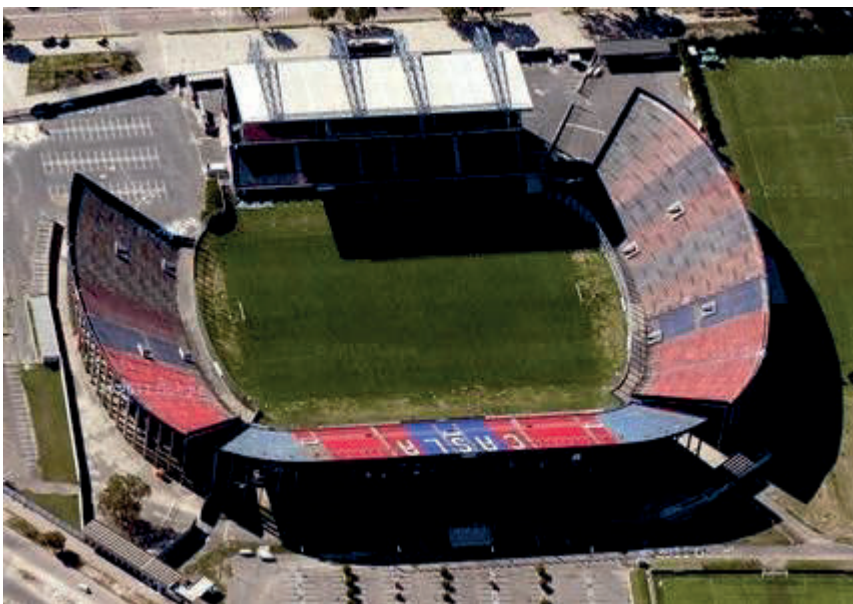
A entrada dos jogadores e da imprensa está na rua Inclán, com estacionamento térreo e acesso aos vestiários, zona mista, e sala de coletiva de imprensa no subsolo.

A fachada do estádio é sua própria estrutura, uma sucessão de pórticos de peças pré-fabricadas de concreto armado, com os últimos degraus da arquibancada se projetando em balanço, constituindo uma breve cobertura para os arredores do recinto. Entre os dois níveis de vigas externas da fachada fica uma membrana translúcida, nas cores do clube, para proteger o interior de chuvas.

Busquei expressar o clima esperado tanto em dias de jogo como em dias sem jogo através de desenhos desenvolvidos em conjunto de Pedro Lins de Azeredo Coutinho.



Velho Gasômetro, foto: Futebolportenho.com.br

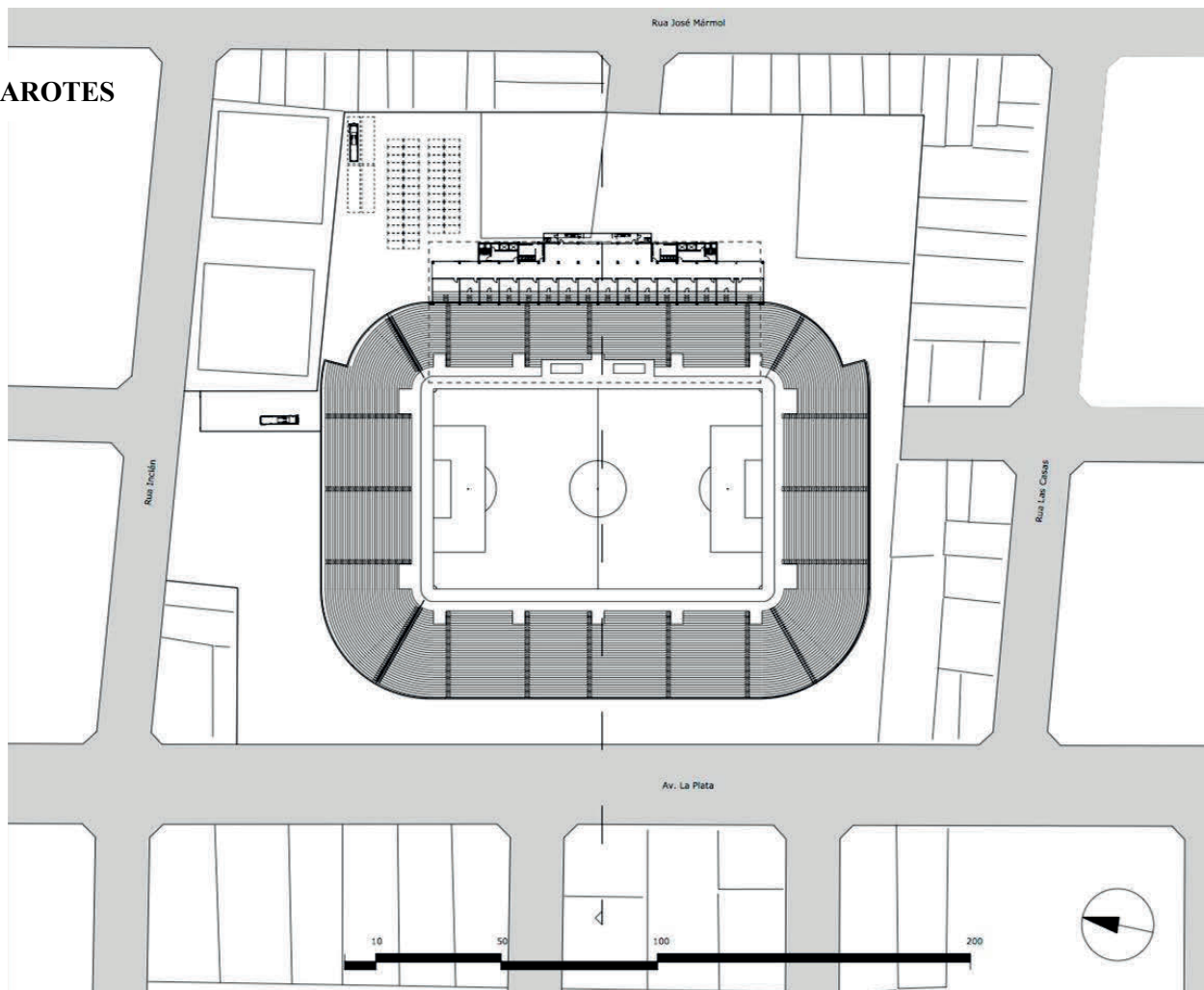


Novo Gasômetro, foto: Victor Rodrigues

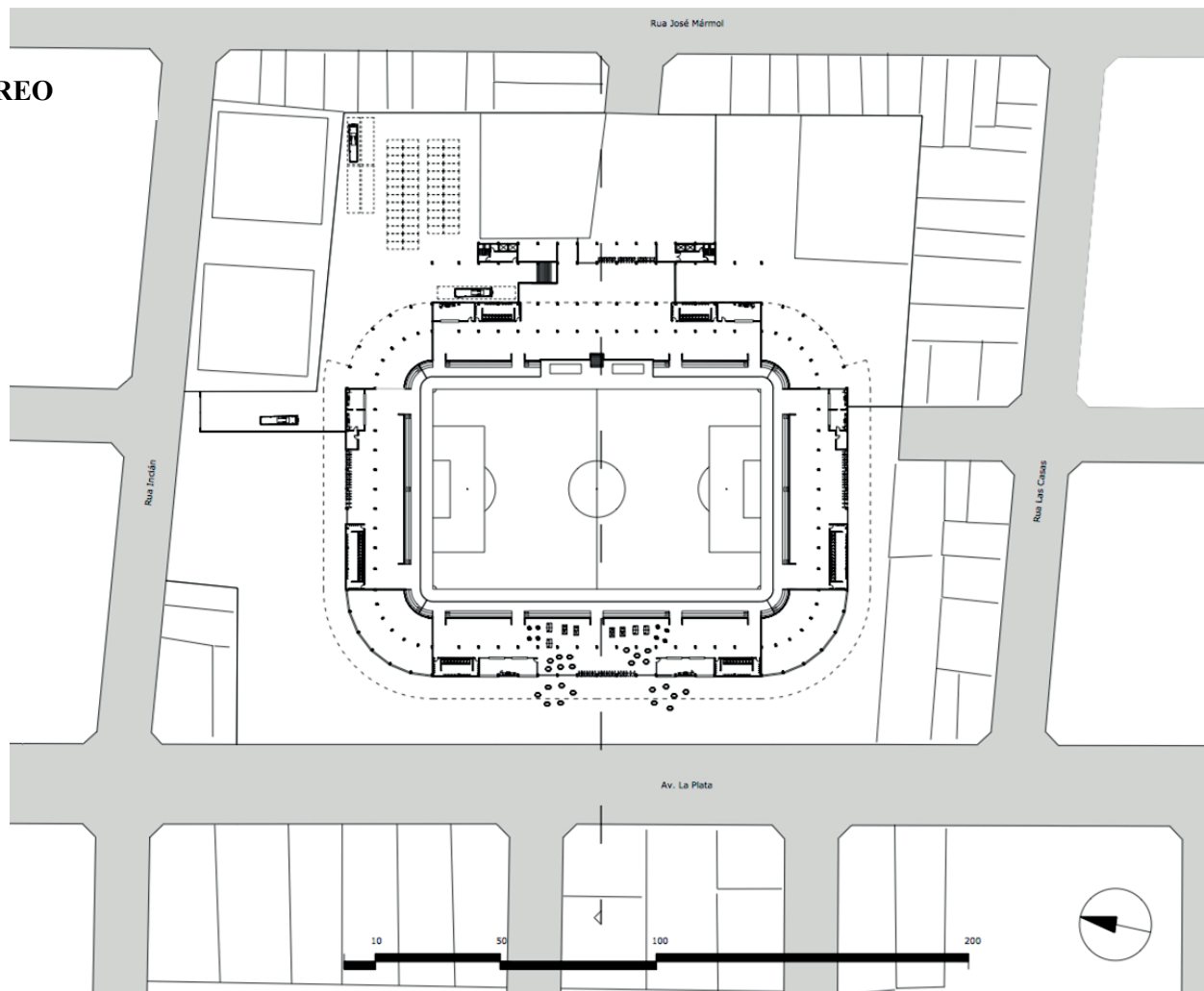


Terreno do Velho Gasômetro, reconquistado.

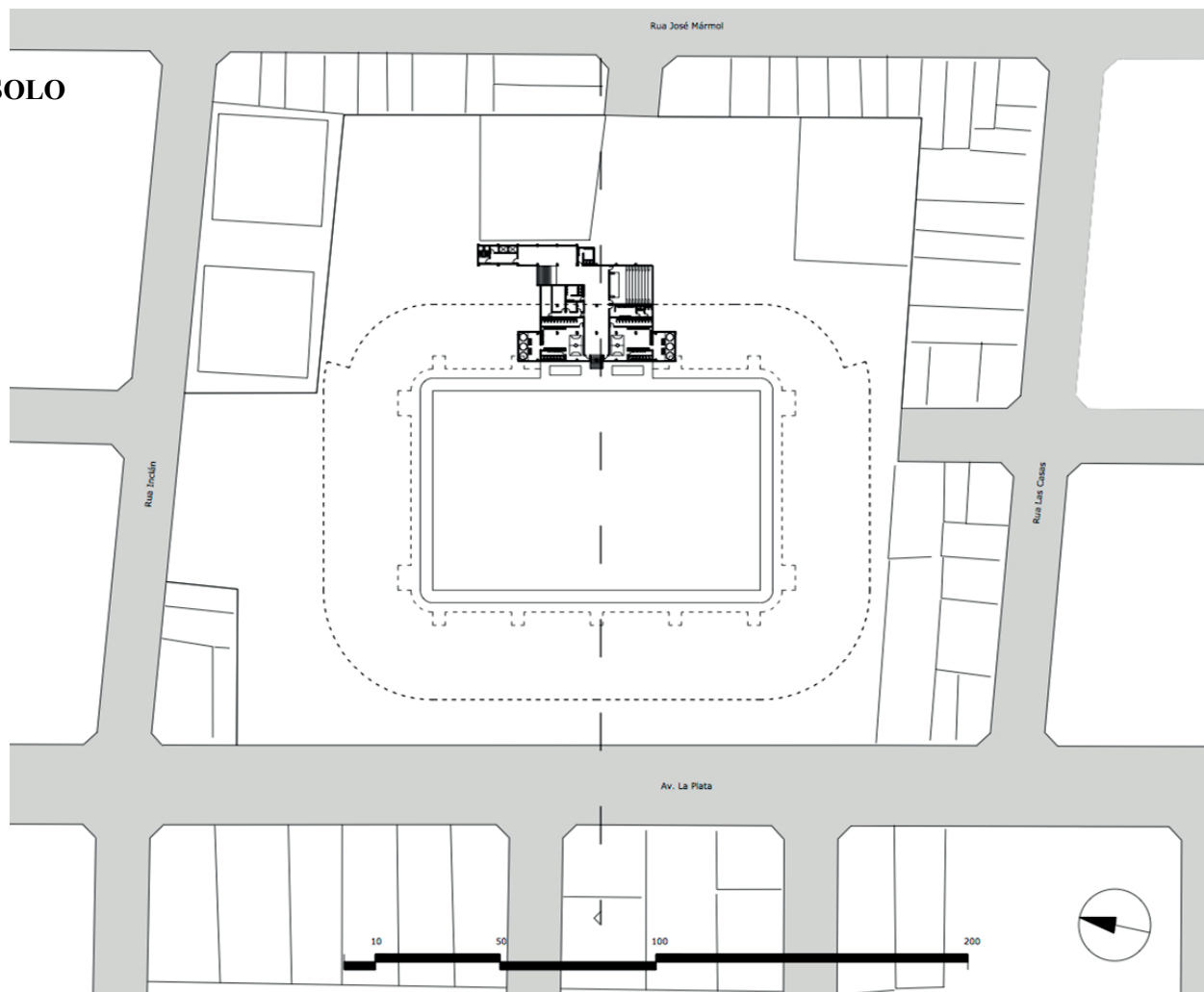
CAMAROTES



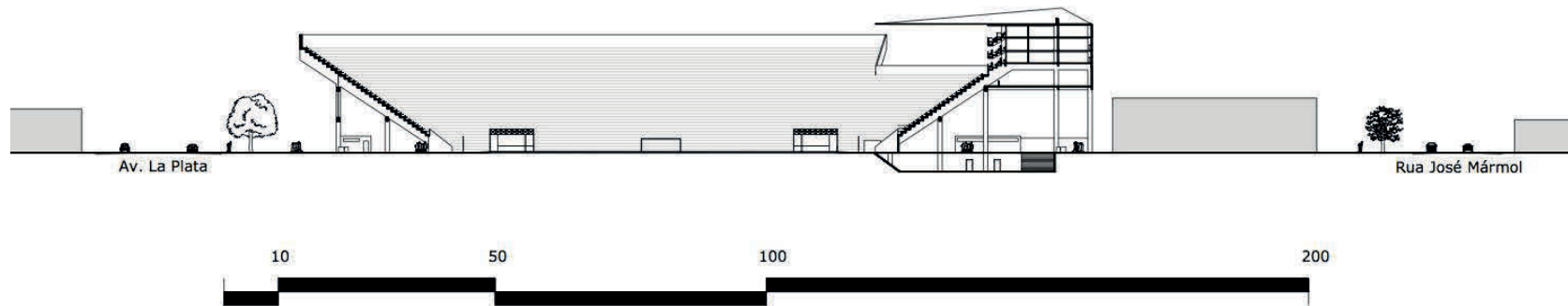
TÉRREO



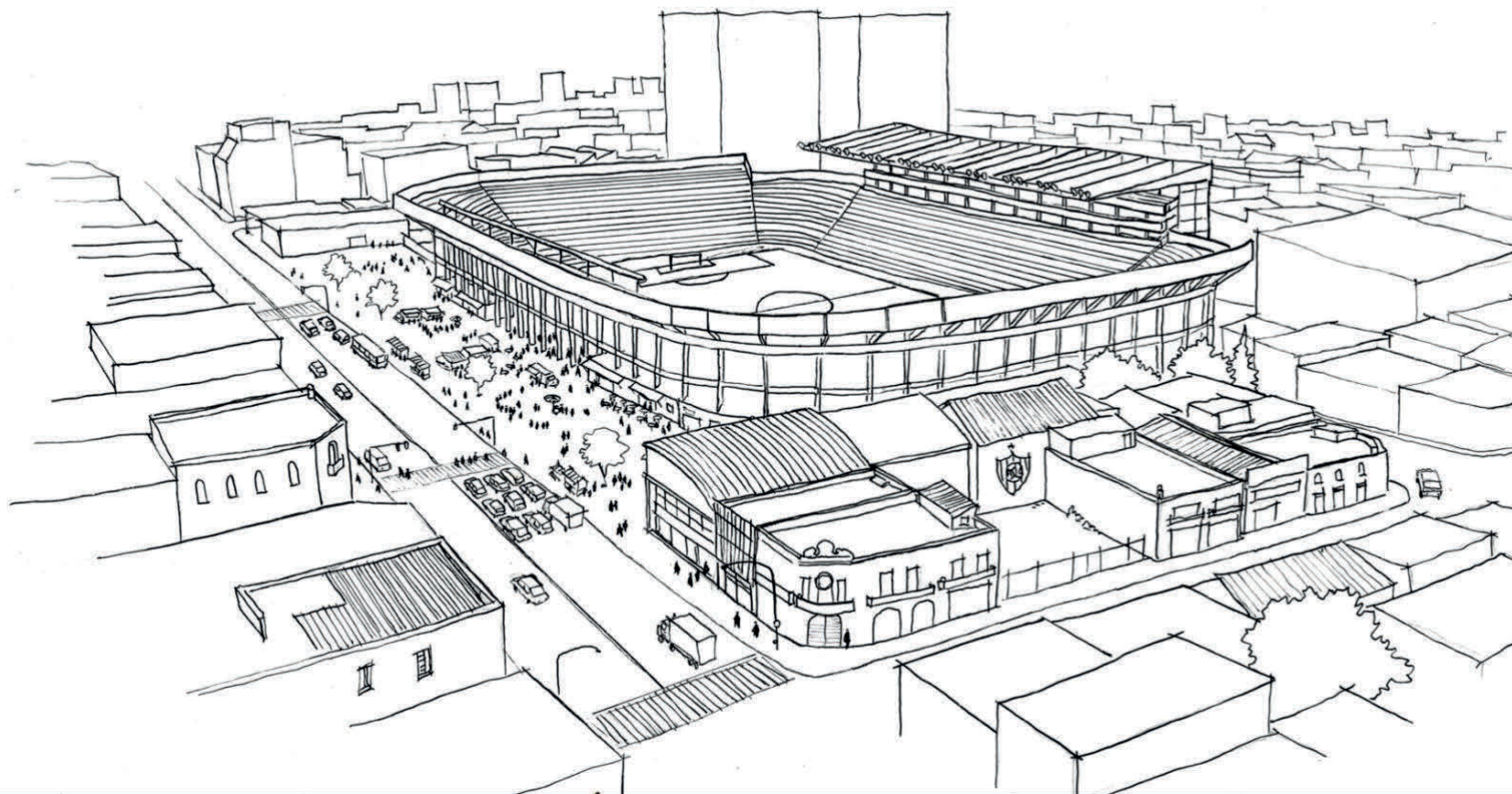
SUBSOLO



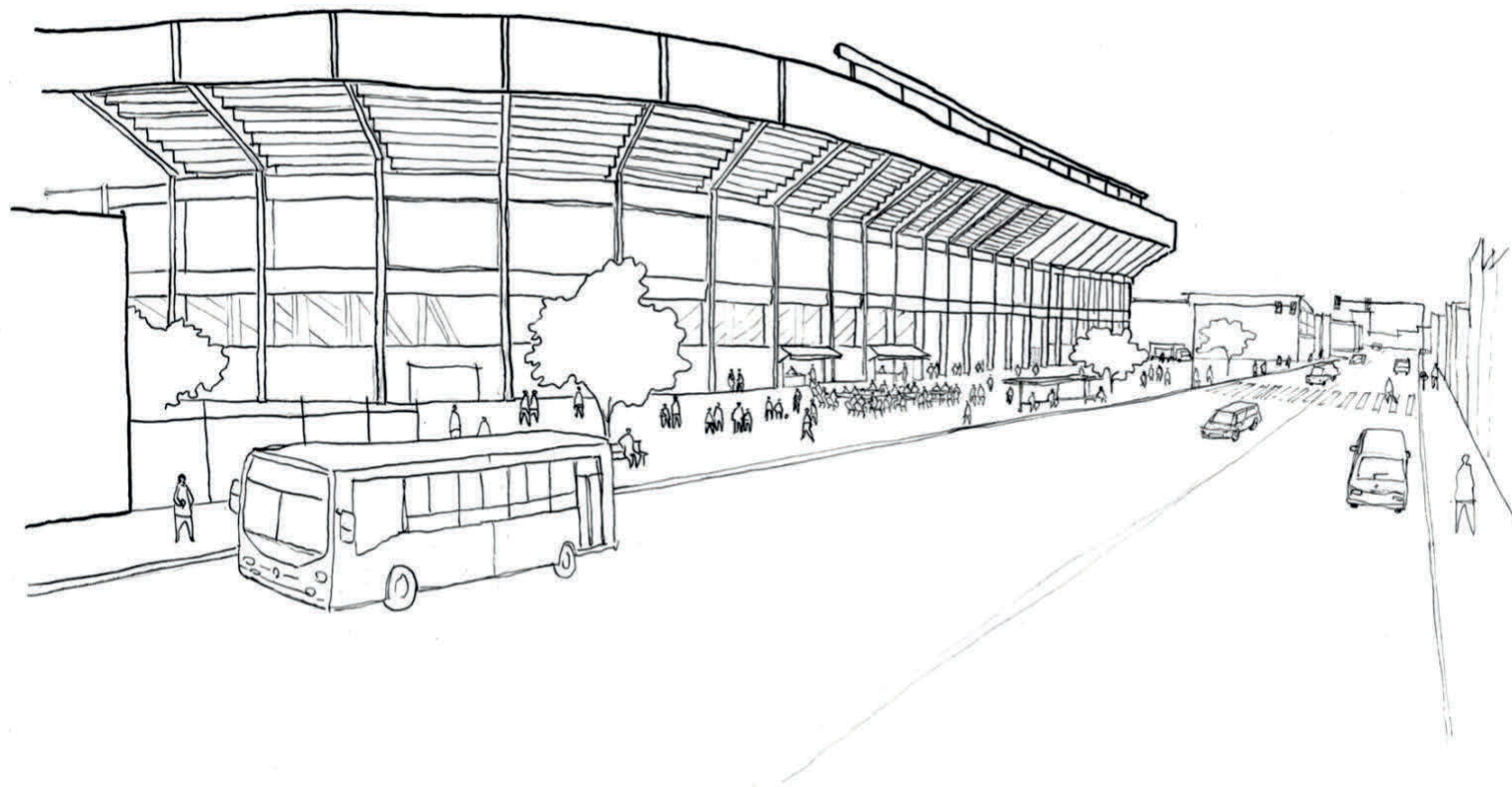
CORTE



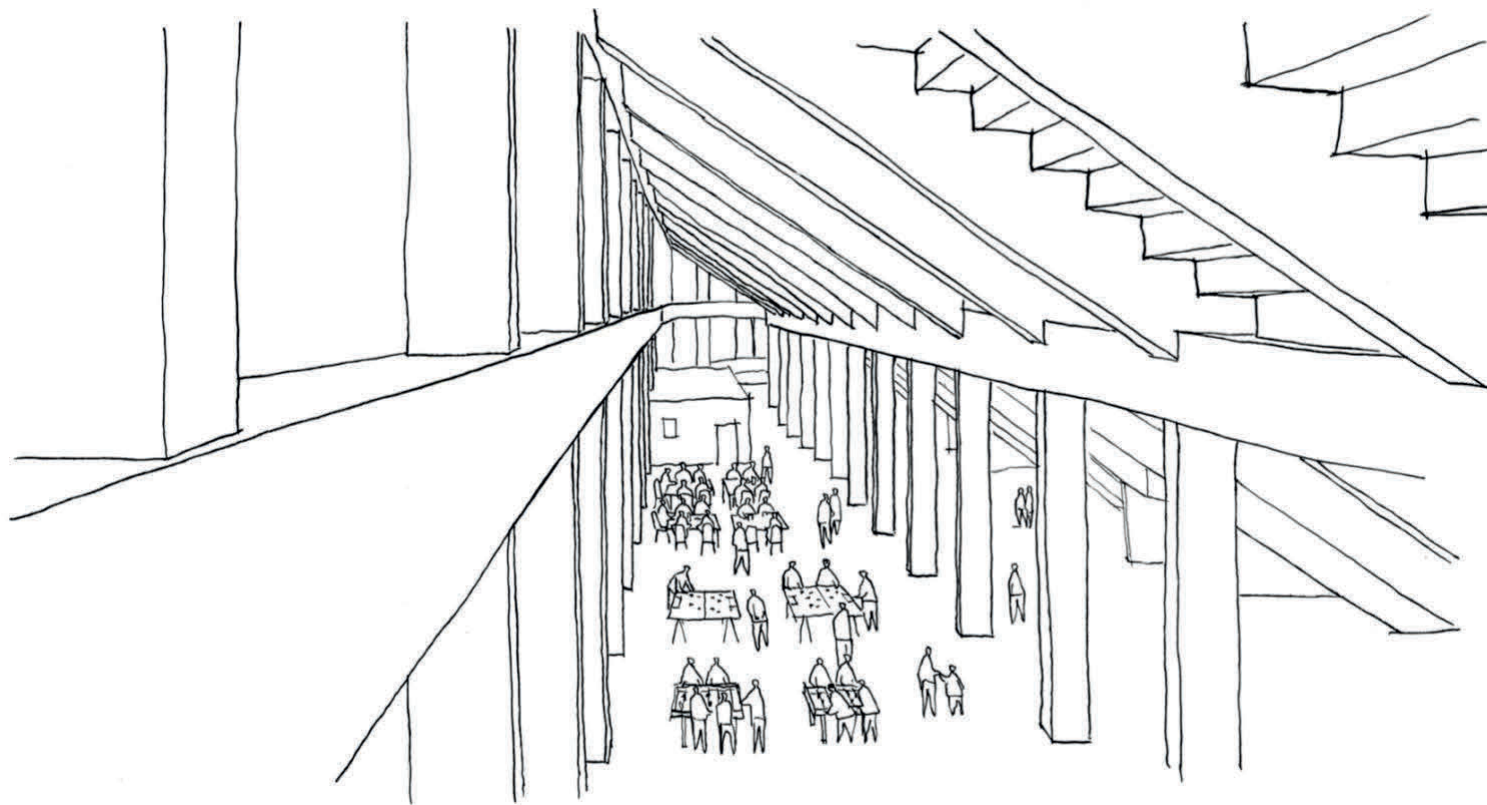
AV. LA PLATA



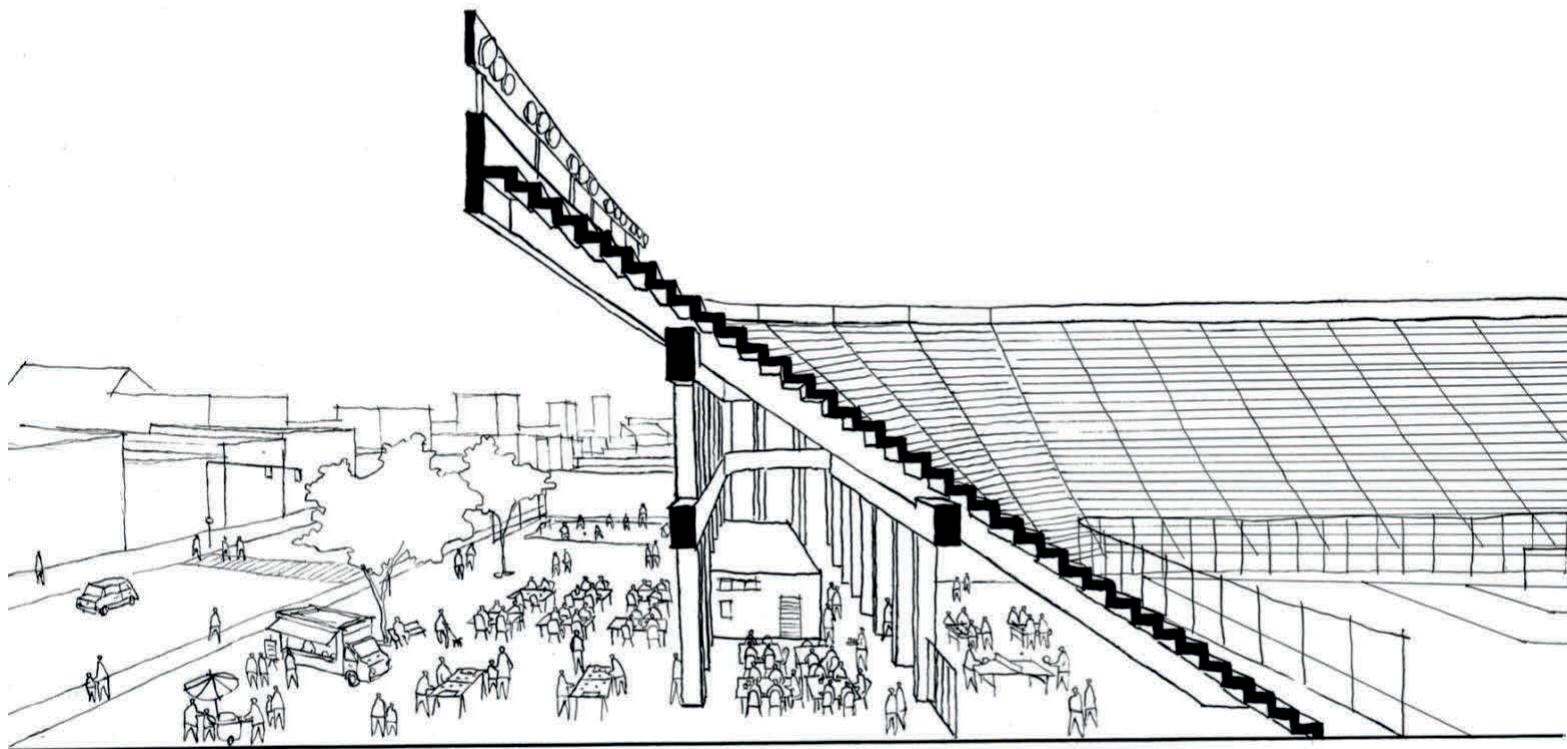
FACHADA PRINCIPAL



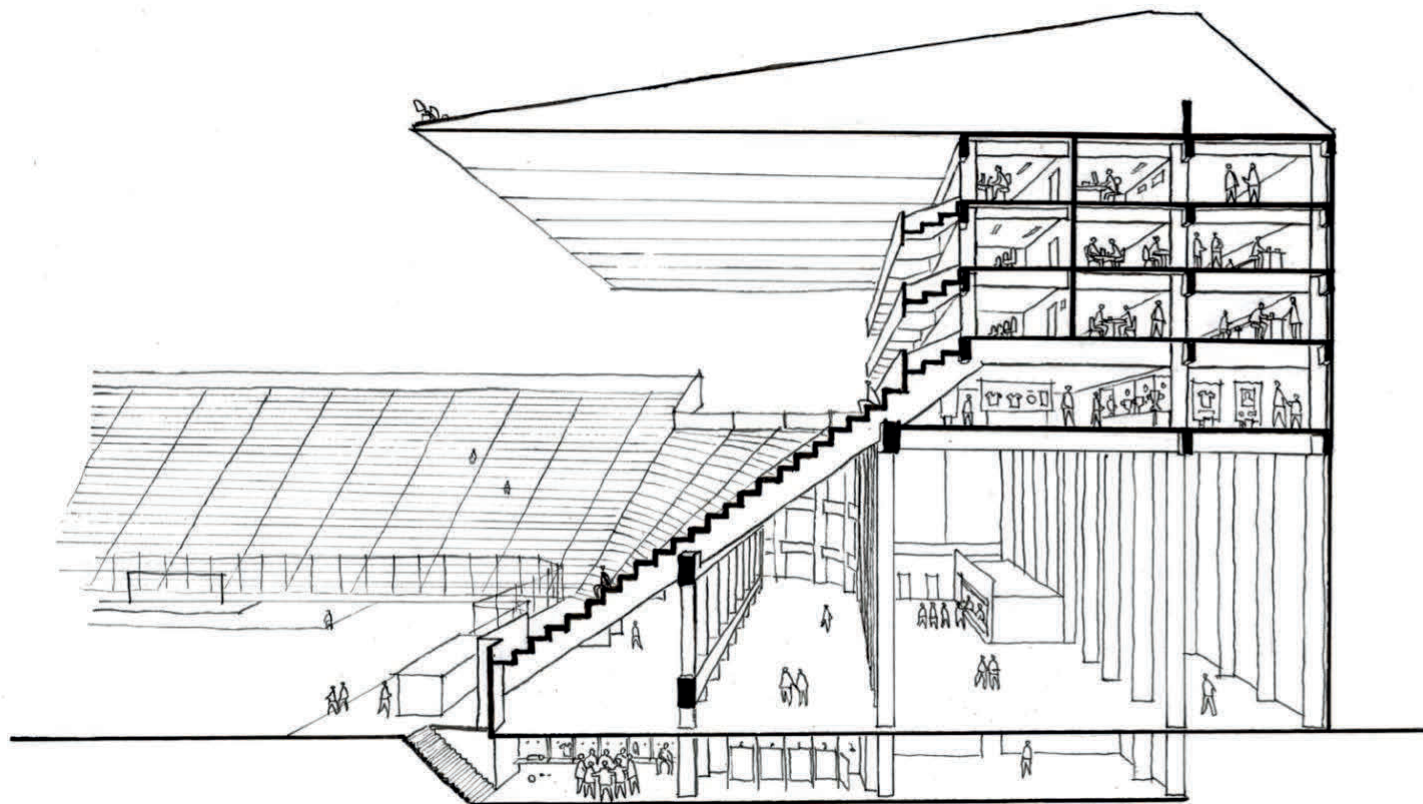
EMBAIXO DA ARQUIBANCADA OESTE EM DIA SEM JOGO



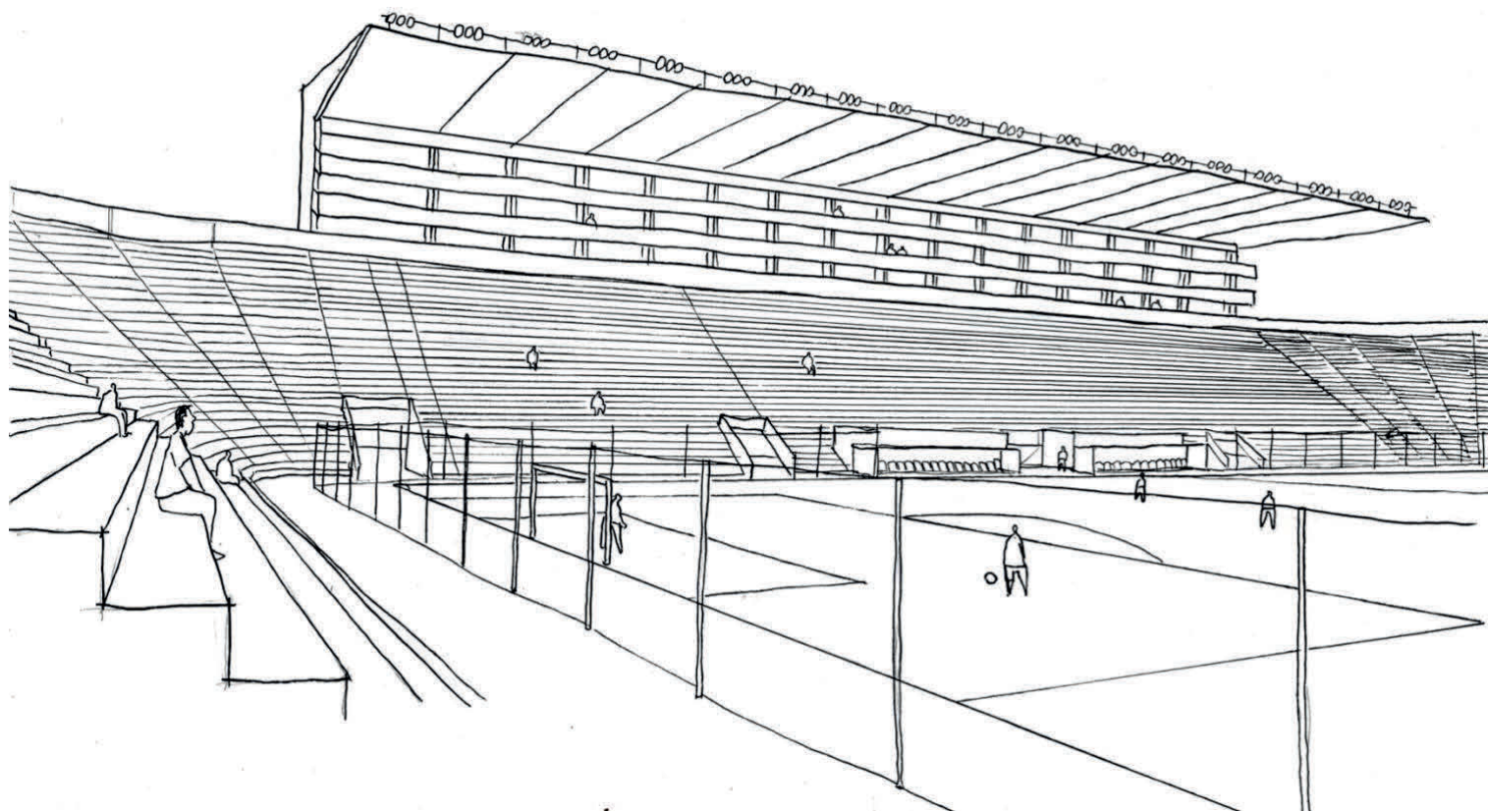
CORTE DA ARQUIBANCADA OESTE EM DIA SEM JOGO



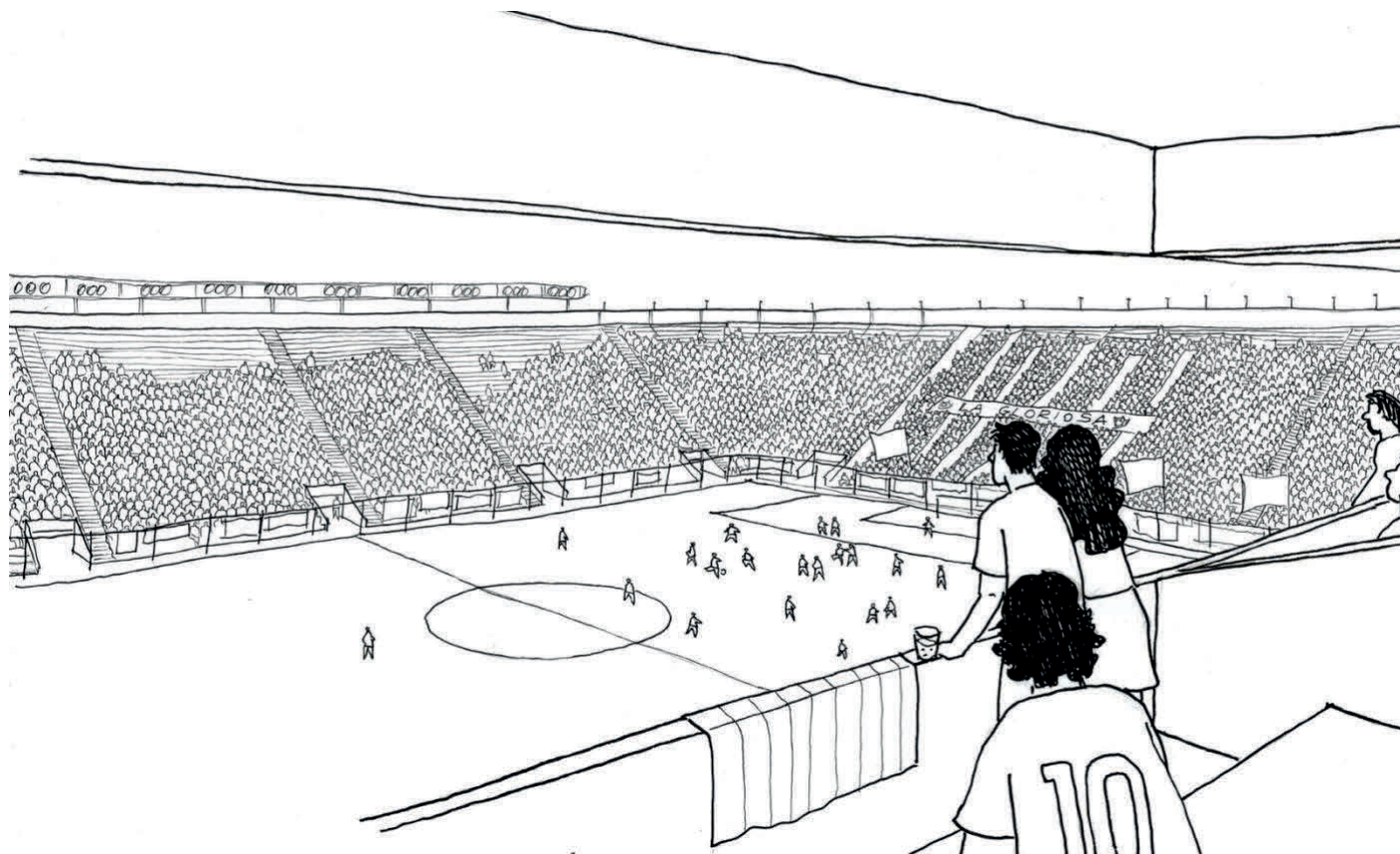
CORTE DA ARQUIBANCADA LESTE, COM CAMAROTES E SALA DE TROFÉUS



VISTA PARA ARQUIBANCADA LESTE



VISTA, DOS CAMAROTES, PARA ARQUIBANCADAS OESTE E NORTE



BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, M. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012.

BALE, John. *Virtual fandoms: “futurescapes” of football*. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, n. 10, 1998. Disponível em: <
<http://www.efdeportes.com/efd10/jbale.htm>>.

_____. *Sport, space and the city*. Nova Iorque, Routledge, 1993.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de “atualização”. São Paulo: USP, 2016.

CERETO, Marcos Paulo. *Arquitetura de Massas: O caso dos estádios brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CURI, Martin. *Espaços Da Emoção: Arquitetura Futebolística, Torcida E Segurança Pública*. Niterói: UFF, 2012.

DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. *In: História: Questões & Debates*. Curitiba: UFPR, 2012. P. 45 – 72.

GAFFNEY, Christopher. **Temples of the Earthbound Gods:** stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2009.

HOBBSAWM, Eric J.. *Mundos do Trabalho*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HOLLANDA, B. B. B. de. O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). 2008. 771 f. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MANDELLI, Mariana Carolina. Alliaz parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso. São Paulo: USP, 2018.

MASCARENHAS, G. “Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos de 2007”. Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, ago. 2007.

_____. “Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol”. Cidades (Unesp), São Paulo, v. 10, p. 142-170, 2013.

_____. “Pacificação e exclusão: o estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo” In: XVI ENANPUR, 2015, Belo Horizonte. XVI ENANPUR - Sessões Temáticas. Belo Horizonte, 2015. v. 1. p. 1-14.

TOLEDO, Luiz Henrique de. De olhos bem abertos ou o que se viu e ouviu na Copa do Mundo de 2014: ensaio de antropologia das emoções esportivas. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo Marques Carraro; GIGLIO, Sérgio Settani (orgs.) **Entre Jogos e Copas, Reflexões de uma Década Esportiva**. São Paulo: Intermeios, 2016. p. 33 – 52.

_____. Torcer: metafísica do homem comum. Revista de História (USP), v. 1, 2010, p. 175- 190.

VIGNOLI, Leandro. À Sombra de Gigantes: uma viagem ao coração das mais famosas pequenas torcidas do futebol europeu. Kindle Edition.

WILLIAMS, Brian. Home From Home. Biteback Publishing. Kindle Edition.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio – O futebol e o Brasil. Companhia das Letras. Kindle Edition.